

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA
FILHO” FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO
E DESIGN

DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

BRUNA CARLA SCIARINI
NATHALIA SOARES RIBEIRO

DOCUMENTÁRIO “PENSA QUE EU ESQUECI?”

Documentário sobre Alzheimer e a relação da família com a doença

Bauru

2022

BRUNA CARLA SCIARINI
NATHALIA SOARES RIBEIRO

DOCUMENTÁRIO “PENSA QUE EU ESQUECI?”

Documentário sobre Alzheimer e a relação da família com a doença

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em cumprimento parcial do curso de Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, do Departamento de Comunicação Social da Unesp – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” –, para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientação: Prof. Dr. Francisco Machado Filho.

Bauru

2022

Sciarini, Bruna Carla.

Documentário : pensa que eu esqueci? / Bruna Carla Sciarini, Nathalia Soares Ribeiro, 2022
69 f. : il.

Orientador: Francisco Machado Filho

Monografia (Graduação)-Universidade Estadual Paulista (Unesp). Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru, 2022

1. Alzheimer. 2. Família. 3. Qualidade de vida. 4. Documentário. I. Ribeiro, Nathalia Soares. II. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design. III. Título.

BRUNA CARLA SCIARINI
NATHALIA SOARES RIBEIRO

DOCUMENTÁRIO “PENSA QUE EU ESQUECI?”

Documentário sobre Alzheimer e a relação da família com o paciente

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em cumprimento parcial do curso de Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, do Departamento de Comunicação Social da Unesp – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” –, para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientação: Prof. Dr. Francisco Machado Filho.

Bauru, _____ de _____ de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Francisco Machado Filho
Orientador da Banca Examinadora
Universidade Estadual Paulista (Unesp)

Prof. Assoc. Dr. Maximilian Martin Vicente
Universidade Estadual Paulista (Unesp)

Profa. Assoc. Dra. Maria Cristina Gobbi
Universidade Estadual Paulista (Unesp)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a Deus por mais uma promessa cumprida em minha vida: me formar na universidade pública em jornalismo, um sonho que tenho desde os 9 anos, quando decidi que queria ser jornalista para entrevistar o Barack Obama (agora só falta a entrevista com o Obama, que vai acontecer também). Sou grata por tamanha misericórdia e pelos sonhos dEle sempre serem melhores do que os meus.

Na época do colegial, eu duvidava muito do meu potencial para conseguir passar em uma universidade pública, ainda mais em uma das melhores do Brasil, e estar agora nessa reta final da graduação é a realização de um sonho, ainda mais sabendo da importância que esse diploma tem para os meus pais. Meu pai e minha mãe, Sidiclei e Arlete, são os meus grandes motivadores e as pessoas mais guerreiras que eu conheço, saíram do Nordeste tão novos e vieram para São Paulo tentar a vida, passaram por muitas dificuldades e não tiveram oportunidade de cursar o ensino superior, mas projetaram em mim esse sonho e nunca pouparam esforços para me ajudar a alcançar os meus objetivos.

Desde bem pequena, quando meu pai me deixava na escola, ele sempre dizia “presta atenção na aula, não fica conversando e se cuida”, também me falava da importância da educação na vida das pessoas e o quanto ele gostaria de ter tido a oportunidade de ter estudado mais. Minha mãe até tentou quando ela chegou em São Paulo, prestou para jornalismo na USP (pois é, pasmem, eu só descobri isso quando passei na Unesp), mas não conseguiu passar e, hoje, tenho o privilégio e a alegria de estar realizando o sonho dela. Deixar meus pais orgulhosos, sem dúvidas, é a melhor sensação e recompensa que eu poderia ter. Muito obrigada por terem me apoiado e dado todo o suporte na mudança para Bauru, terem aguentado a saudade durante os três anos em que estive distante, pela compreensão quando eu dizia que estava ocupada com as coisas da faculdade ou demorava para responder o WhatsApp, e pela paciência comigo nos meus momentos de estresse.

Além dos meus pais biológicos, eu tive a sorte de ser presenteadada por

pais do coração, que são meus tios Osmar e Dalva, também chamados de “amigos”. Desde o meu nascimento, eles sempre cuidaram de mim, me educaram e mimaram como filha deles. Sei que não foi fácil para os meus pais me criarem, mas meus tios sempre se fizeram presentes e ajudaram em tudo o que estivesse ao alcance deles. Então boa parte de quem eu sou e das minhas conquistas também se devem a eles, e eu sou grata por tudo que fizeram e continuam fazendo por mim.

Outra pessoa fundamental na minha trajetória é a minha tia Fabisa, ela tem um coração gigante e é uma das pessoas mais altruístas que eu conheço. Sempre teve um amor e cuidado enorme comigo, também agradeço muito a ela por todos os esforços que já fez e ainda faz por mim.

Estendo os meus agradecimentos a todos os meus outros tios e tias, que, de alguma forma, contribuíram para esta conquista. Sendo assim, meu muitíssimo obrigada, de todo o meu coração, ao meu tio Canjo, à minha mainha, tia Dina, tia Lany, tio Ló, tio Cadinho, tio Mano, tio Donca, tio Ito, tio Keka, tia Ryzia e tia Martu. Não poderia esquecer dos meus primos e primas e deixar aqui a minha gratidão a todos.

Subindo um pouco na minha árvore genealógica, gostaria de expressar aqui a minha gratidão e admiração pelas matriarcas e patriarcas da minha família. Sem eles, definitivamente nada disso seria possível. Meu avô Sebastião, minha avó Saló, meu avô Zuzinha e minha avó Etiene são exemplos de força, resiliência, amor, integridade e superação, histórias de vida que tenho orgulho de comporem a minha origem. Sem todos os esforços dos meus avôs e avós, eu provavelmente não estaria aqui agradecendo por essa conquista. Minha avó Etiene antes de falecer, quando estava no leito do hospital, contou para a minha tia sobre o orgulho que ainda queria ter de ver sua neta primogênita sendo jornalista, e na época eu ainda estava no último ano do colegial. Infelizmente, minha avó faleceu meses antes de eu ter passado na faculdade, queria muito tê-la presente nesse momento, mas deixo aqui a minha eterna gratidão a ela, dona Josefa de Araújo Mendes, vulgo vovó/vóinha.

Durante a época em que vivi em Bauru, construí nessa cidade uma segunda família e, sem ela, provavelmente eu não teria vivido os melhores

anos da minha vida até hoje. Aos meus amigos do condomínio, também conhecidos como “manada da madrugada”, muito obrigada por terem cuidado de mim nas vezes em que fiquei doente, por fazerem feijão para a pessoa aqui que ainda não sabe cozinhar, por me alimentarem, pelas zoeiras, danças, rolês, jogos, coworking, conversas madrugada a dentro e pelas caronas para o culto. Ju (Mani), minha irmãzinha e roommate, Heitor (Pisco), Tafnes (vó Taf), Bruna (B2), Emilyn, Giulia, Karen, Ana Maria, Brunno e Giovanni (gêmeos), Ana Luiza (Analu), Mario, Fernanda e Rodrigo, vocês foram uma das minhas bases na cidade lanche e agradeço a Deus pela vida de vocês, Ele me deu mais do que amigos, mas irmãos.

Eu me sinto tão sortuda, que não criei apenas uma segunda família no interior, mas duas, Deus me presenteou também com o meu grupo favorito de jornalistas: as minhas uvinhas. Bruna, Gilmara, Thainá e Marô são amizades mais que especiais e eu não consigo imaginar como seria a minha graduação sem cada uma delas. Certamente, não teria sido tudo tão perfeito sem essa minha rede de apoio que eu sinto tanta falta, dos nossos bailes das uvas, das madrugadas fazendo trabalho, das idas ao Confiança às segundas-feiras, das festas universitárias, das tardes tomando açaí depois da aula, enfim, de partilhar meu dia, novidades e desabafar com vocês.

E não para por aí, na empresa júnior da Faculdade de Engenharia, a Pro Junior, criei laços de amizade tão especiais que também quero levar para a vida. A Pro foi uma das motivações da minha graduação e sou muito grata pelo prazer de ter feito parte do Movimento Empresa Júnior, experiência única que me desenvolveu muito como pessoa e profissional.

Se não fosse pelo ensino público, eu não teria tido acesso a todas essas oportunidades, como mudar de cidade e me tornar independente, fazer amizades com pessoas de diversas cidades de São Paulo, participar de projetos de extensão, puxar matérias até com a engenharia e ter tido aula com professores que são referência e que têm toda a minha admiração. Agradeço a cada um dos professores que passaram pelo meu caminho e que me ensinaram tanto, não somente a parte técnica, mas me ajudaram a desenvolver o meu senso crítico e a me tornar uma cidadã melhor.

Em especial, muito obrigada ao Professor Dr. Francisco Machado Filho, por ter aceitado o convite para ser o nosso orientador e ter nos ajudado tanto neste trabalho de conclusão de curso, sempre disponível e com tanta simpatia em nossas conversas. Embora eu nunca tenha tido aula com o professor Kiko, foi como se eu já o conhecesse. Além disso, agradeço à nossa banca maravilhosa: a Professora Dra. Maria Cristina Gobbi, que tanto me ajudou ao longo da graduação e sempre dava ótimas aulas, com muito debate para discutirmos a respeito do que estava acontecendo no Brasil e no mundo, o que ajudava muito a exercitar o meu olhar crítico; e o Professor Dr. Maximiliano Martin Vicente, que também esteve muito presente durante a minha graduação, e sempre demonstrou muita satisfação em ajudar e paixão por ensinar.

Por último, mas não menos importante, gostaria de agradecer à minha parceira de graduação, de condomínio, de empresa júnior e de TCC, pela paciência e empatia que teve comigo durante toda a graduação e, principalmente, nessa experiência final de Trabalho de Conclusão de Curso. Bruna, obrigada por ter me entendido em meus momentos de ansiedade em que eu queria começar a fazer várias coisas sem analisar direito a situação, por ter me “freiado” e tentado me acalmar, dizendo que tudo iria dar certo no final. E, cá estamos, prestes a apresentar esse trabalho, realmente deu certo e ainda bem que tivemos uma à outra.

Encerro este agradecimento enfatizando que, a conquista até pode ser minha, mas a devo a todos que citei neste agradecimento, pois sem cada um isso não teria sido possível. Serei eternamente grata pelo privilégio e prazer de tê-los em minha vida.

Especialmente aos meus pais e familiares, repito: vocês têm todo o meu amor e gratidão.

Nathalia Soares Ribeiro

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus, por todo seu cuidado e amor comigo, por sempre me mostrar beleza na vida e nas pessoas, por me instruir a ter um olhar mais empático e por sempre dar forças para mim e para minha família em todos os sentidos e contextos.

Em seguida, deixo um agradecimento especial para meus pais que acreditaram em meus sonhos antes de mim mesma, que fizeram de tudo para me manter na faculdade e que, apesar de não terem concluído o ensino fundamental, me ensinaram com todas as suas sabedorias de vida. Minha mãe, Maria, por me fortalecer e me trazer segurança só com um olhar, por me emprestar seus ouvidos em dias difíceis e por sempre me receber com abraços e comida quentinha. Meu pai, Benedito, por me pegar no colo e se fazer presente mesmo de longe, por ter as palavras certas em quaisquer circunstâncias e por sempre me acalentar e contagiar com seu sorriso radiante e único.

Também agradeço aos meus irmãos, porque sem eles, cursar jornalismo não seria possível. Ao meu irmão, Luis Gustavo, por ser meu melhor amigo e anjo da guarda, por me carregar para todos os cantos e por sempre me apoiar na universidade e na vida. Ao meu irmão Deived, que inúmeras vezes esteve disposto a me emprestar o carro e por me encher de um amor que só meu irmão mais velho tem. Também sou grata pela vida dos meus sobrinhos, João Pedro e Isaías, que me fizeram sorrir e que me encheram de carinho entre trabalhos e provas. A minha avó Ângela, agradeço pela participação no documentário, por me encher com carinho e que, embora nem sempre lembrar quem eu sou, nunca se esquece de mim.

Morar em Bauru não seria a mesma coisa sem meus amigos que são fortaleza e sorrisos, agradeço a todos do grupo do condomínio Bela América e Bela Europa e, principalmente, a minha roommate e irmã, Bruna, que foi minha companhia diária, que sempre teve uma palavra de conforto e brigadeiro nos dias cansativos e que sempre me ensinou sobre empatia e respeito. E, claro, não poderia deixar de agradecer as Uvinhas, Gilmara,

Thainá, Maria Eugenia e Nathalia, que foram meu porto seguro, que sempre me ensinaram sobre amizade e companheirismo e estiveram ao meu lado segurando as minhas mãos em diversas situações.

Quero agradecer à Pro Junior, empresa júnior de engenharia de arquitetura da Unesp de Bauru, por reacender em mim a chama de jornalista, por me apresentar inúmeras oportunidades de carreira e por ter me apresentado amizades que serão eternas. Igualmente, agradeço a todos os projetos de extensão do qual fiz parte durante os meus anos na graduação que me fizeram crescer.

Meus sinceros agradecimentos aos meus docentes da rede pública de ensino de Ipaussu e do Cacuo, cursinho comunitário da Unesp de Ourinhos, que me educaram com amor e disponibilizaram todo seu tempo e conhecimento para tornar possível a minha aprovação em uma faculdade pública. Em especial, aos meus professores da Unesp de Bauru, que não só me deram embasamento técnico e teórico sobre a minha profissão, mas também incentivaram meu criticismo e me fizeram acreditar em uma sociedade mais justa e igualitária.

Sobretudo, quero agradecer ao nosso orientador Prof. Dr. Francisco Machado Filho, que abraçou o nosso projeto com muita dedicação e carinho, que a todo momento demonstrou paciência e disponibilidade em nossas conversas e que é uma pessoa e professor excepcional. Também agradeço ao Prof. Dr. Maximiliano Martin Vicente e a Prof. Dra. Maria Cristina Gobbi, por me ensinar e incentivar a ser uma jornalista melhor, ser exemplo de integridade e por sempre demonstrar paixão pelo jornalismo dentro e fora da sala de aula.

A Nathalia, minha amiga, irmã e parceira, sou grata por ter vivenciado comigo esse projeto tão importante, por ter tornado essa experiência mais leve, por sua dedicação e excelência nos mínimos detalhes, pelas reuniões de horas que eram divididas entre fofocas, risadas e o TCC e por me inspirar a ser alguém melhor e a viver de forma mais alegre.

Por fim, quero agradecer a mim, que há alguns anos atrás, mesmo diante de todas as dificuldades e de um destino que já parecia ter sido escrito, escolhi seguir o meu coração e, com apoio da minha família, confiei

em mim mesma, por isso, que eu nunca deixe de sonhar grande.

Bruna Carla Sciarini

O documentário “Pensa que eu esqueci” pode ser acessado pelo link: <https://youtu.be/eMyMzwJAwIM>

RESUMO

O documentário “Pensa que eu esqueci” é um produto de audiovisual produzido para a disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), com o objetivo de aplicar na prática a fundamentação teórica das matérias ministradas no curso de Jornalismo, como a produção, roteirização, gravação e edição de um material em vídeo; elaboração de pauta; apurações jornalísticas por meio de pesquisas, dados e entrevistas com fontes primárias e secundárias, além do embasamento teórico e prático em obras de importantes documentaristas, como Eduardo Coutinho. O documentário irá apresentar a vida de três mulheres com Alzheimer, com o objetivo de mostrar a relação dos familiares com o paciente, uma vez que o Alzheimer não é uma doença de uma pessoa só, mas impacta no dia a dia de quem está próximo por ser uma demência e levar à dependência do indivíduo. Além disso, terão entrevistas com especialistas da área da saúde para explicarem a respeito desse tipo de demência, causas, prevenção e tratamento contra o Alzheimer.

Palavras-chave: Alzheimer; família; documentário; qualidade de vida; esquecimento; jornalismo; dependência; cuidado; memória.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Paleta de cores	38
Figura 2 - Logotipo do Projeto	39
Figura 3 - Aplicação da identidade visual	40
Figura 4 - Capa do vídeo no Youtube	40

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Relação de equipamentos utilizados	29
Tabela 2 - Cronograma	31
Tabela 3 - Custos do documentário	37
Tabela 4 - Primeiro planejamento do documentário	41

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	16
1.1. JUSTIFICATIVA	17
1.2. OBJETIVOS	18
1.2.1. GERAL	18
1.2.2. ESPECÍFICOS	18
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	18
2.1. GÊNERO E FORMATO.....	18
2.2. TÉCNICAS JORNALÍSTICAS EMPREGADAS	21
3. INTRODUÇÃO À TEMÁTICA	22
3.1. JUSTIFICATIVA DO TEMA	24
3.2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	24
4. METODOLOGIA DE EXECUÇÃO	27
4.1. PRÉ-PRODUÇÃO	29
4.1.1. EQUIPAMENTOS	29
4.1.2. PAUTAS.....	29
4.1.3. CRONOGRAMA.....	31
4.2. PRODUÇÃO.....	31
4.3. PÓS-PRODUÇÃO	34
5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO FINAL	35
5.1. ESTRUTURA.....	35
5.2. PÚBLICO-ALVO.....	36
5.3. CUSTOS	37
5.4. CONCEITO CRIATIVO.....	37
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS.....	44
APÊNDICE A - Definição de formato	48
APÊNDICE B - Formulário de coleta de fontes	51
APÊNDICE C - Formulário de imagem dos familiares e pacientes	53
APÊNDICE D – Formulário de imagem dos Especialistas	55
APÊNDICE E - Pauta	57
APÊNDICE F - Roteiro	61

1. INTRODUÇÃO

Atualmente, o jornalista detém um leque de formatos e meios de divulgação da informação, seja por meio de uma grande reportagem hipermídia, um artigo impresso uma notícia na TV, por exemplo. Embora sejam os mais comuns, durante o curso de Jornalismo foi possível também conhecer e aprender sobre o formato documentário, o qual apresenta uma teoria diferente dos produtos “puramente jornalísticos” - que buscam a imparcialidade e objetividade -, dando ao documentarista liberdade criativa e de perspectiva dos fatos expostos.

[...] Não existe método ou técnica que possa garantir o acesso privilegiado ao real. Uma vez que não se pode conhecer a realidade sem estar mediado por algum sistema significante, qualquer referência cinematográfica ao mundo histórico terá que ser constituída no interior do filme e contando apenas com os meios que lhe são próprios. Sob este aspecto, o documentário é um constructo, uma ficção como outra qualquer. (DA-RIN, 2004, p.19)

Isso porque o documentário faz um recorte da realidade e essa seleção a respeito do que será filmado já implica na alteração do real, dando espaço para o exercício da subjetividade do autor em sua obra. Sendo assim, esse formato permite que a narrativa seja construída baseada no ponto de vista e no repertório argumentativo do documentarista para defender o seu objetivo com o produto, cuja temática pode ser abordada por diferentes perspectivas.

Embora possamos utilizar da nossa parcialidade no documentário em questão para apresentar a doença de Alzheimer e a realidade dos pacientes e familiares, como futuras jornalistas, procuramos, acima de tudo, informar sobre esse tipo de demência por meio de entrevistas com especialistas e familiares que vivenciam a doença com o paciente, mesmo que não fosse necessário recorrermos a uma pluralidade de fontes nesse formato. Além disso, fomos sempre norteadas pela ética jornalística e compromisso com a veracidade das informações.

O papel do documentário, além de informar, visa sensibilizar por meio dos recursos presentes no audiovisual. O formato também permite a escolha

dos enfoques que serão elucidados, proporcionando uma maior liberdade poética. Sendo assim, o documentário “Pensa que eu esqueci?” visa conscientizar e dar visibilidade para uma das doenças que têm maiores projeções de crescimento nos próximos anos, causada pelo alto índice de envelhecimento populacional, além de retratar histórias reais de famílias que convivem com o Alzheimer, com o objetivo de mostrar que é possível viver bem apesar do diagnóstico.

1.1. JUSTIFICATIVA

A realização deste projeto traz duas principais justificativas, ambas embasadas no propósito da formação jornalística. A primeira, é explorar o formato documentário, conhecer suas nuances e aplicar os conhecimentos teóricos aprendidos no curso de Jornalismo. Já a segunda, está ligada aos deveres do jornalista, que é a divulgação da informação de forma verídica, baseada em dados e fatos de forma responsável, por meio de entrevistas com especialistas sobre o assunto, além de usar este produto para dar visibilidade a um tema de tamanha relevância na saúde pública.

Segundo um estudo realizado pelo psiquiatra William Glasser, denominado “Pirâmide de Aprendizagem”, as pessoas guardam 50% das informações quando escutam e veem, ou seja, pelo consumo de produtos audiovisuais. Em contrapartida, a retenção por meio da leitura, por exemplo, é apenas de 10%.

O desenvolvimento de conteúdos audiovisuais vem crescendo exponencialmente, principalmente com o avanço das tecnologias digitais que potencializaram desde a produção de informações até a sua propagação pelos diferentes dispositivos e plataformas.

A internet e as mídias móveis, chamadas convencionalmente de novas mídias, tornaram-se os ambientes onde o audiovisual mais se expande, sob formatos e por modelos de difusão em que as regras são muito flexíveis (ANCINE, 2013, p. 61).

Além disso, por meio do audiovisual é possível explorar ainda mais os sentidos do receptor, devido à maior opção de recursos disponíveis para

isso. Especificamente no documentário, há a parte de apuração dos dados, mas temos também a liberdade de criação e apresentação dessas informações.

1.2. OBJETIVOS

1.2.1. GERAL

Experimental a atuação jornalística por meio do documentário, podendo aplicar as técnicas aprendidas no curso de jornalismo, para informar sobre o Alzheimer e o papel dos familiares no processo de cuidar.

1.2.2. ESPECÍFICOS

- Colocar em prática os princípios do jornalismo, como a apuração baseada em dados e pesquisas, e por meio de entrevistas com fontes primárias e secundárias;
- Empregar os conhecimentos relacionados à propagação da informação de forma verídica, adquiridos na formação jornalística, para dar visibilidade e conscientizar sobre a doença de Alzheimer;
- Eternizar as memórias do paciente que as perdeu, com a história dele contada pela família por meio do produto audiovisual.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. GÊNERO E FORMATO

O formato escolhido para a divulgação da temática deste projeto é o “documentário”. A proposta é utilizar-se do audiovisual para apresentar a realidade da doença de Alzheimer, uma vez que esse é capaz de traduzir melhor do que em palavras a vivência que pretende ser transmitida e sentida. Segundo Fernão Pessoa Ramos (2008), o documentário é formado por asserções em relação ao mundo em que vivemos, ou seja, afirmações com base no ponto de vista de alguém a respeito de um acontecimento.

[...] podemos afirmar que o documentário é uma narrativa

basicamente composta por imagens-câmera, acompanhada muitas vezes de imagens de animação, carregadas de ruídos, música e fala (mas, no início de sua história, mudas), para as quais olhamos (nós espectadores) em busca de asserções sobre o mundo que nos é exterior, seja esse mundo coisa ou pessoas. Em poucas palavras, documentário é uma narrativa com imagens-câmera que estabelece asserções sobre o mundo, na medida em que haja um espectador que receba essa narrativa como narrativa sobre asserção sobre o mundo (RAMOS, 2008, p. 22).

Sendo assim, o formato escolhido tem um caráter subjetivo quanto aos fatos narrados, dando ao jornalista a liberdade de moldar a história a partir do seu olhar e intenção. É o caso deste documentário, na tentativa de mostrar o lado da doença vivida pelo paciente e por aqueles que cuidam, o que se contrapõe aos produtos jornalísticos tradicionais que buscam, ao máximo, se aproximar da objetividade e neutralidade, como a reportagem e a notícia. O documentarista brasileiro, Eduardo Coutinho, esclarece melhor a diferença entre o jornalismo factual e o documentário no seguinte fragmento:

Para mim, quem melhor escreveu sobre documentário contemporaneamente foi Jean-Louis Comolli. [...] Para ele, a característica básica do documentário é aquela que o distingue da reportagem: enquanto esta é uma produção do momento, o documentário é uma realização de vida longa. O documentário é feito para durar. Além disso, a reportagem se esforça para parecer objetiva e pretensamente mostrar o “real”. O documentário, ao contrário, pauta pelo questionamento dessa objetividade, dessa possibilidade de dar conta do real. O grande documentário não apenas é baseado nesse pressuposto, como também tematiza essa própria impossibilidade de dar conta do que quer que se chame de real. Frente a esse “real”, todo documentário, no fundo, é precário, é incompleto, é imperfeito, e é justamente dessa imperfeição que nasce a sua perfeição. O documentário é uma visão subjetiva sempre (COUTINHO, 2003, p. 215).

A história do documentário está atrelada ao nascimento do cinema, uma vez que os primeiros filmes não foram protagonizados por atores, e sim, por operários em sua jornada de trabalho. Ou seja, não havia encenação, apenas a observação do que estava acontecendo. Sendo assim, a partir desse marco também nasce o formato documentário, já que as primeiras

obras cinematográficas, que foram produzidas pelos irmãos Lumière, considerados os pais do cinema, registravam o real.

Além de mostrar as realidades vividas pelos pacientes com Alzheimer, este projeto visa esclarecer e mudar a perspectiva das pessoas em relação à doença, que muitas vezes pode ser vista como algo distante e apenas atrelada ao fator genético. Essa mudança vai ao encontro da fala de Luiz Eduardo Jorge na obra cinematográfica “O Método” (2019), de que o documentário tem o papel de intervenção social.

De acordo com Bill Nichols (2012), há 6 tipos de gêneros de documentário, os quais foram definidos por ele como: poético, expositivo, observativo, participativo, reflexivo e performático. O poético utiliza-se de recursos estéticos visuais e sonoros para compor a obra e torná-la mais atraente, cada elemento apresentado é alinhado à mensagem que se deseja transmitir, a fim de reforçá-la, passando além de um argumento, mas podendo gerar sensações.

O expositivo, como o nome já sugere, busca expor ideias, acontecimentos e dados a respeito da temática. A lógica de construção da narrativa é fundamental para a exposição argumentativa, esse gênero é preferível para documentários que têm como o principal objetivo informar. Há a figura do narrador, o qual, geralmente, é apenas ouvido e não visto.

Em contrapartida, no observativo não tem o narrador ou qualquer outro tipo de intervenção por parte do documentarista, a realidade é apenas mostrada. Já o participativo, é marcado pela interação do produtor com a sua obra, por exemplo, por meio de entrevistas em que há um diálogo entre entrevistador e entrevistado. Esse estilo é bem característico dos documentários de Eduardo Coutinho, como o que acontece em “Edifício Master” (2002).

O reflexivo apresenta suposições acerca da realidade, a fim de levar ao questionamento e reflexão, além de tentar evidenciar tais fatos. Por fim, o performático aproveita ainda mais da subjetividade e da liberdade de produção permitida no formato documentário, evocando o emocional e, até mesmo, podendo misturar o real com o fictício.

Sendo assim, para este produto, optamos pelo gênero participativo,

devido à interação durante as entrevistas entre as documentaristas e as fontes. Além disso, conta com traços performáticos, principalmente na introdução do documentário, em que são apresentados elementos sonoros e visuais afetivos, alinhados ao poema autoral contado, com o objetivo de transmitir também emoções.

2.2. TÉCNICAS JORNALÍSTICAS EMPREGADAS

Para a realização das entrevistas do documentário, nos embasamos nos princípios da ética jornalística, buscando estabelecer uma relação de confiança entre as fontes e as jornalistas, optando pela verdade e clareza na exposição dos objetivos da entrevista, para que se criasse um ambiente confortável e fosse possível imergir na realidade do entrevistado, observando os limites que ultrapassam a entrevista. Para que isso fosse possível, seguimos algumas referências e procedimentos pré-estabelecidos, sendo assim, começaremos dando um contexto do estudo jornalístico empregado na redação da pauta, na apuração dos fatos, na aplicação dos tipos de entrevista e na escolha da ocasião.

Após a definição da pauta, foi necessária a realização de uma apuração dos fatos de forma minuciosa e embasada em dados, pesquisas, estudos e entrevistas. Nessa etapa, analisamos a escolha das fontes de acordo com a categorização de Nilson Lage (2001), que é determinada a partir da confiabilidade das fontes.

A primeira classificação são as fontes oficiais, oficiosas e independentes, sendo as fontes oficiais mantidas pelo Estado, fontes oficiosas que representam um indivíduo ou entidade e as independentes que são indiferentes a uma relação de poder. A segunda, são as fontes primárias ou secundárias, sendo as primárias diretamente ligadas aos fatos e as secundárias são as instituições de pesquisa, pesquisadores, especialistas etc. Por fim, temos as testemunhas e experts, as testemunhas são pessoas que vivenciaram o fato, porém não necessariamente tenham presenciado o ocorrido, já os experts, são pessoas que buscam interpretações sobre o acontecimento.

Depois da seleção das fontes, foi o momento de realização das entrevistas, que é definida como “o procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo” (LAGE, 2001). Lage define os tipos de entrevista como: rituais, que são curtos e possuem o foco na exibição do entrevistado e não em seu depoimento; as temáticas, que visam expor um tema, focando na interpretação dos acontecimentos; as testemunhais, que expõe uma situação que o entrevistado experimentou; e as em profundidade, que tem como ponto central o entrevistado e as particularidades da sua experiência de vida.

Além disso, há as circunstâncias em que as entrevistas acontecem, podendo ser ocasionais, sem um planejamento prévio; as de confrontos, em que o jornalista direciona as perguntas de modo interrogativo e argumentativo; as coletivas, em que são reunidos diversos veículos midiáticos e repórteres com o objetivo de entrevistar uma pessoa ou grupo, e as dialogais, em que o tom estabelecido é de conversa e que possuem um agendamento de data, horário e local.

No documentário, na primeira etapa de apuração, utilizamos as fontes oficiais e oficiosas, que foram as pesquisas e estudos encontrados a respeito do assunto. Para as entrevistas e gravações que seriam exibidas, trabalhamos com as fontes primárias, que foram os pacientes e familiares que vivenciam o Alzheimer, e as secundárias, que foram a psicogerontóloga e a gerontóloga, uma vez que são especialistas e pesquisadoras do tema. Já para os tipos de entrevista, optamos por utilizar o estilo temático, que traz um apoio teórico e fundamentado em dados e pesquisas, e a entrevista em profundidade, que são baseadas em depoimentos e vivências. Por último, a circunstância foi dialogal, em que optamos por criar um ambiente mais acolhedor para os familiares, pacientes e especialistas, permitindo um maior aprofundamento e detalhamento dos assuntos tratados.

3. INTRODUÇÃO À TEMÁTICA

Além da Covid-19, há uma doença que também está tendo uma crescente no número de casos, porém ainda não há cura e tão pouco conhecimento sobre suas causas e prevenção, levando cada vez mais a

população ao esquecimento. Segundo a Academia Brasileira de Neurologia (ABN), já foram diagnosticados com Alzheimer no Brasil cerca de 1,5 milhão de pessoas, e esse número tende a aumentar em até quatro vezes nos próximos 30 anos. Dessa forma, a projeção é de que, em 2050, seja alcançada a marca de 6 a 7 milhões de casos no país.

Outro dado alarmante é de que a cada três segundos, alguém é diagnosticado com demência no mundo, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS). Embora existam diversas formas de demência, o mal de Alzheimer é o mais comum, sendo de 60% a 70% dos casos.

A doença, nomeada em homenagem ao médico Alois Alzheimer que identificou o primeiro caso, leva à degeneração do sistema nervoso central, ou seja, causa a morte de células cerebrais, o que resulta na perda gradativa da memória e, conforme o avanço da doença para quadros mais avançados, na falta de autonomia e dependência total para viver. Diante desse cenário, se faz necessária a presença de um cuidador ou de alguém da família para o cuidado diário.

Portanto, é preciso dar atenção e conscientizar sobre o Alzheimer, para que as pessoas possam se cuidar durante a vida, pois, conforme dito no documentário em questão pela gerontóloga e pesquisadora, Cláudia Suemoto, a maioria dos casos de demência é prevenível, quando não está atrelado ao fator genético. Além disso, o intuito é ajudar na identificação mais rápida da doença para o início do tratamento em quem já está desenvolvendo o Alzheimer.

Por isso, hoje estimamos em 5% a proporção de pacientes de Alzheimer com o tipo “puramente familiar”, enquanto os 95% restantes são considerados casos esporádicos, em geral chamados de “forma comum da doença”. (POIRIER e GAUTHIER, 2016, p. 78)

Segundo a Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia, a baixa escolaridade está atrelada à probabilidade de evolução da demência, sendo um dos fatores de risco devido à falta de estímulos cerebrais que são realizados por meio de atividades intelectuais. Isso porque o processo de aprendizagem ajuda na criação de redes neurais mais complexas, e assim,

diminui as chances de adquirir o Alzheimer.

Fatores relacionados ao estilo de vida e a outras doenças, como hipertensão, depressão, diabetes, obesidade, sedentarismo, tabagismo e alimentação não saudável também estão atrelados ao desenvolvimento desse tipo de demência.

3.1. JUSTIFICATIVA DO TEMA

A inclinação pela temática, surgiu logo nas primeiras apurações, ao nos depararmos com a desinformação sobre as diferenças entre envelhecimento usual e o envelhecimento com demência, a falta de propagação das pesquisas sobre o Alzheimer — desde as causas até o tratamento e expectativa crescente de casos —, além do desconhecimento de estudos sobre os efeitos na saúde física e mental dos familiares que convivem com o portador da demência.

Sendo assim, por meio deste produto audiovisual, iremos retratar as principais questões da doença de Alzheimer, que são: o que é a doença, causas, sintomas, diagnóstico, tratamento e cuidado, uma vez que este último envolve a relação interpessoal com a família no convívio diário.

3.2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para fins de embasamento teórico a respeito da temática, neste tópico iremos falar um pouco sobre os primeiros estudos em relação à doença de Alzheimer, quais são os seus sintomas e como a demência não impacta somente o indivíduo, mas todo o seu círculo familiar.

Alois Alzheimer, psiquiatra e neuropatologista, foi a primeira pessoa a estudar e descobrir a demência, que em 1910, nomeada por Emil Kraepelin, levaria seu nome. Em 1907, quando trabalhava como psiquiatra no Frankfurt Asylum, Alois publicou um relatório famoso sobre o caso de uma mulher de 51 anos, Auguste D., que estava sob seu cuidado em 1901 e apresentava possíveis sintomas da demência. Porém, atualmente no meio científico, especula-se que a paciente não sofria da demência de Alzheimer, mas sim de aterosclerose no cérebro.

Já em 1911, o psiquiatra publicou um segundo relatório, com uma descrição clínica detalhada do caso de um homem de 56 anos portador da demência, Johann F., que foi tratado por ele em novembro de 1907. O homem começou a esquecer o caminho de casa, não conseguia ou tinha dificuldades para realizar tarefas simples, comia apenas o que era servido para ele, não conseguia mais fazer atividades rotineiras, como ir às compras ou tomar banho. Para estudar o caso, Alois Alzheimer solicitou uma série de exames do paciente e detalhou em seu relatório todos os métodos e procedimentos utilizados no estudo.

De acordo com Smith (1999), “a doença de Alzheimer é uma afecção neurodegenerativa progressiva e irreversível de aparecimento insidioso, que acarreta perda da memória e diversos distúrbios cognitivos”, ou seja, há um acúmulo da proteína b-amiloide que é prejudicial para os neurônios, sendo assim, quanto maior a concentração dessa proteína, maior o grau de demência nos indivíduos afetados.

A demência pode gerar diversos transtornos neuropsiquiátricos, conhecidos pela comunidade científica como sintomas comportamentais ou psicológicos da demência (SCPD), ou ainda, manifestações neuropsiquiátricas da demência. Para avaliar o grau dos sintomas de demência, há escalas de avaliação, como a Escala de Avaliação de Comportamentos Patológicos na DA (doença de Alzheimer) e o Inventário Neuropsiquiátrico, que buscam avaliar os sintomas como delírios, alucinações, distúrbios da atividade, agressividade, distúrbios do ritmo circadiano, distúrbios da afetividade, ansiedades, depressão, comportamentos noturnos, entre outros (Caramelli & Bottino 2007). Além dos sintomas neuropsiquiátricos, com a progressão da doença, o paciente pode apresentar quadros de desidratação, ter dificuldade para realizar suas necessidades básicas, apresentando incontinência urinária ou fecal, resistência para se alimentar e deficiência motora progressiva, resultando em restrição ao leito e outros.

Com a aparição dos primeiros sinais dos SCPD, é necessário que os familiares ou responsáveis pelo paciente procurem ajuda médica para tratamento psicológico, terapêutico e farmacológico. Em alguns casos, a

intervenção com medidas não farmacológicas pode auxiliar na amenização das manifestações neuropsiquiátricas, “que incluem adaptações ou modificações ambientais, instituição de rotinas específicas para os pacientes, orientações dirigidas aos cuidadores e familiares, além de programas de atividade física leve (por ex., caminhadas), emprego de música e terapia de luz” (Caramelli & Bottino, 2007, p. 86).

Entretanto, conforme o avanço da doença, a necessidade de estratégias farmacológicas se mostra cada vez mais urgentes. Sobre a eficácia do tratamento farmacológico, podemos afirmar que:

Inúmeras substâncias psicoativas têm sido propostas para preservar ou restabelecer a cognição, o comportamento e as habilidades funcionais do paciente com demência. Contudo, os efeitos das drogas hoje aprovadas para o tratamento da DA limitam-se ao retardo na evolução natural da doença, permitindo apenas uma melhora temporária do estado funcional do paciente. (FORLENZA, 2005, p.139)

À medida que a doença de Alzheimer progride, a necessidade de cuidados se torna indispensável. Um estudo realizado pelo Núcleo de Envelhecimento Cerebral da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), com uma amostragem de 118 cuidadores de ambos os sexos, e pacientes com Alzheimer, também de ambos os sexos, constatou que a maioria dos pacientes tem média idade de 79,6 anos, sendo 77,1% mulheres, a maior parte viúvas e divorciadas. Já dos cuidadores, tinham entre 57,4 anos e majoritariamente do sexo feminino (85,6%), sendo a maioria familiares (80,3%), em grande parte filhas, e 72,9% dividiam a casa com o paciente. Além disso, a pesquisa concluiu que a maior parcela dessas mulheres foi diagnosticada com acúmulo de funções, gerando sobrecarga social, física, emocional e espiritual, resultando em um problema de saúde pública, além de repetir um padrão cultural em que o papel de cuidado é visto como responsabilidade do sexo feminino.

O estudo também revelou outros impactos na vida do cuidador, como aparecimento de sintomas psiquiátricos, problemas de saúde, maior frequência de conflitos familiares e problemas no trabalho. Em 60% dos casos, os cuidadores também podem desenvolver distúrbios físicos e

psicológicos, como hipertensão arterial, distúrbios digestivos e respiratórios, propensão a infecções, depressão, ansiedade e insônia. Como conclusão, o estudo deixou claro a importância da inserção do cuidador no plano de assistência ao paciente com doença de Alzheimer, para que ele tenha uma melhor qualidade de vida e proporcione ao paciente um melhor tratamento (PINTO, 2009, p. 656).

4. METODOLOGIA DE EXECUÇÃO

A partir do final de 2020, começamos a pensar em temas para o nosso trabalho de conclusão de curso, com a premissa de ser um assunto de interesse público, mas que não tivesse a devida notoriedade na sociedade para darmos visibilidade por meio do nosso projeto. A única certeza que tínhamos até então era de que gostaríamos de produzir um produto audiovisual.

Após mapearmos algumas temáticas, convidamos o Prof. Dr. Maximiliano Martin Vicente para ser nosso orientador e, em nosso primeiro contato, que ocorreu no mês de março de 2021, apresentamos nossas ideias e dúvidas, e ele nos orientou quanto à análise da possibilidade de execução de cada temática para podermos decidir o assunto. Nessa primeira reunião, o professor Maximiliano também nos recomendou procurarmos um coorientador com maior expertise em produção audiovisual para nos ajudar nessa parte do produto em si, enquanto ele nos orientaria na parte teórica e do relatório.

Quando foi definido o tema Alzheimer, iniciamos o contato com o Prof. Dr. Francisco Machado Filho em abril, que, primeiramente, nos esclareceu quanto à diferença entre uma grande reportagem e um documentário para definirmos qual formato seguir, ele também nos indicou alguns documentários para analisarmos e criamos um grupo no WhatsApp para facilitar a comunicação e o envio de materiais de estudo. No mesmo mês, voltamos o contato com o professor Maximiliano para informar sobre a escolha do tema e do nosso co-orientador. Ele nos sugeriu já entrarmos em

contato com as fontes (especialistas e famílias) para confirmarem a participação no documentário e começarmos a pesquisa sobre o assunto: Alzheimer. Depois de quase 3 meses na etapa de pesquisa do tema, tivemos uma segunda conversa com o professor Francisco, em julho, para comunicarmos a nossa decisão de seguir com o formato documentário e nos aprofundarmos na parte teórica da produção. Então, o professor nos passou o documentário “O Método” para assistir, o qual é uma metalinguagem, pois explica o processo de elaboração de um documentário, e ele também indicou lermos artigos a respeito.

No mês de outubro, em uma das aulas de Planejamento de Comunicação, a Professora Dra. Angela Maria Grossi foi convidada para explicar sobre o Trabalho de Conclusão de Curso e esclareceu que não é permitido co-orientação em trabalhos finais da graduação. Sendo assim, no mesmo mês, realizamos uma reunião com o professor Maximiliano, até então orientador, para explicar a situação e entender o que poderíamos fazer. Segundo ele, o indicado seria seguir com a orientação de um professor com mais conhecimento e propriedade em relação à produção de um produto audiovisual. Além disso, nessa última conversa de orientação que tivemos com o professor Maximiliano, ele nos auxiliou na escolha do nome do documentário: “Pensa que eu esqueci?”.

Desse modo, fizemos uma reunião com o professor Francisco no final de outubro para informar sobre o ocorrido e convidá-lo novamente, mas dessa vez para ser o orientador. Em setembro, ele havia nos orientado sobre a elaboração da pauta, por isso, nessa reunião, ele solicitou algumas correções e, na reunião seguinte, que aconteceu no início de novembro, foi feito um segundo reajuste nelas, e nos foram dados os direcionamentos para construção do pré-roteiro de gravação e instruções para a realização da filmagem.

Paralelamente a isso, estávamos em contato com as fontes e definindo o calendário de gravação. No final de outubro e início de novembro, realizamos as gravações com as famílias em Ipaussu (SP) e Americana (SP), e com as especialistas via vídeo chamada.

No início de dezembro, houve a última reunião do ano com o professor

orientador para contar sobre as gravações e ele nos passou os direcionamentos para criação do roteiro. Com o roteiro pronto no começo de janeiro, tivemos mais uma conversa para mostrá-lo ao professor e, após isso, seguimos com a edição do documentário e escrita do relatório até fevereiro, mês em que também convidamos a nossa banca, para em março ser realizada a apresentação do trabalho.

4.1. PRÉ-PRODUÇÃO

4.1.1. EQUIPAMENTOS

Tabela 1 - Relação de equipamentos utilizados

Equipamentos que já tínhamos	a) Celulares: Iphone 8 e Redmi b) Monopod para celular c) Notebook Samsung b) Notebook Lenovo
Equipamentos que compramos	a) Câmera T6 Rebel EOS b) Monopé c) Cartão de memória 32GB

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

4.1.2. PAUTAS

Antes da realização das entrevistas, a fim de organizar quem seriam os entrevistados, quais informações gostaríamos de extrair de cada fonte e o direcionamento das entrevistas, foi feita a redação da pauta, que é o procedimento de planejamento do material jornalístico.

Segundo Nilson Lage em seu livro Teoria e Técnica de Reportagem, Entrevista e Pesquisa Jornalística (2006), “o primeiro objetivo de uma pauta é planejar a edição”. A função desse material é ser um norteador para o jornalista no processo de coleta e delimitação das informações,

estabelecendo o assunto a ser abordado, se há fatos suficientes para serem cobertos, qual o ângulo a ser retratado e a indicação de possíveis fontes a serem utilizadas.

O planejamento tem todas as vantagens, do ponto de vista da administração. Garante interpretação dos eventos menos imediata, emocional ou intempestiva. Diminui a pulverização de esforços em atividades improdutivas. Permite a gestão adequada dos meios e custos a serem utilizados ou investidos numa reportagem [...]. (LAGE, 2006, p. 16)

Para seleção das fontes, pesquisamos e escolhemos entrevistados no estado de São Paulo para ser viável a logística de deslocamento para gravação, principalmente em relação aos pacientes, uma vez que precisaríamos acompanhar o dia de cuidados. Já em relação aos especialistas, havia a possibilidade de realizar a gravação via videoconferência por se tratar apenas da entrevista, o que de fato foi feito, uma vez que para as profissionais não seria possível pessoalmente.

Outro ponto, é que há dois tipos de pauta: a factual ou quente, ou seja, quando tem um alto grau de relevância e é novidade; e a pauta não-factual ou fria, quando não é um assunto que está em alta. Apesar da temática deste documentário se tratar de uma doença que está com uma projeção crescente de casos, o que é de interesse público, e estar sendo retratada de uma perspectiva fora do trivial, enquadramos a pauta como fria, já que não é um tópico que está sendo debatido a partir de um acontecimento recente, mas sim, um assunto recorrente que não possui prazo de validade. Além disso, é composto pelos valores-notícias, como o valor de impacto, pelo grande número de pessoas que serão acometidas pelo Alzheimer nos próximos anos; valor de conhecimento, por se tratar de uma doença, que apesar de ser muito estudada, ainda é pouco conhecida; e o valor de governo, por ser de interesse nacional, já que com o aumento considerável da população idosa no país, exigirá um plano de contenção devido ao avanço do número de pessoas afetadas.

4.1.3 CRONOGRAMA

Tabela 2 - Cronograma

Mês/Etapa	2021										2022		
	mar	abr	maio	jun	jul	ago	set	out	nov	dez	jan	fev	mar
Reuniões iniciais	■	■											
Pesquisas	■	■	■	■	■	■							
Pesquisas para seleção de fontes				■	■	■	■	■					
Pauta							■	■					
Pré-entrevistas com especialistas								■	■				
Entrevistas com especialistas									■	■			
Entrevistas com as famílias								■	■	■			
Gravações									■	■			
Decupagem										■	■		
Elaboração de roteiro											■	■	
Edição												■	■
Relatório													■
Entrega													■

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

4.2. PRODUÇÃO

Um dos fatores mais importantes para a elaboração do documentário é a criação do roteiro que, apesar de não ser um roteiro tradicional — como nos gêneros de ficção que contam com uma descrição detalhada de cena a cena —, é necessário para organizar e planejar as filmagens. Podemos afirmar que o propósito do roteiro no gênero documentário é:

[...] de maturação da ideia, que no caso do documentário envolve invariavelmente uma etapa de pesquisa, se viabiliza a partir de uma posição de comprometimento assumida pelo

documentarista para com seu universo de abordagem. Questões relacionadas à relevância do assunto, melhor maneira de se abordar o assunto, ponto de vista de abordagem, que invariavelmente esbarram em aspectos éticos, servirão como balizas a orientar o percurso da produção. (PUCCINI, 2010, p.42)

Portanto, para iniciar o processo de escrita do roteiro, é necessário realizar uma imersão no assunto, através de pesquisas e estudos para ter embasamento no desenvolvimento de uma proposta, que consiste em uma apresentação inicial do que será documentado, “que informe tanto aspectos ligados a seu conteúdo – assunto abordado, formas de tratamento do assunto, personagens, estilo –, como aspectos que lhe são externos – público alvo, justificativa, previsão orçamentária, circuito de exibição, etc.” (PUCCINI, 2010).

No caso do nosso documentário “Pensa que eu esqueci?”, que não possui fins mercadológicos, foi criada uma proposta mais enxuta, com um breve resumo do tema, com a primeira seleção de personagens conforme as descrições almejadas, definição do público-alvo, justificativa e idealização do circuito de exibição e a definição dos objetivos. Outro fator importante sobre o processo de criação do roteiro, foi a realização da pré-entrevista com a psicogerontologia que, em um primeiro momento, buscamos realizar com as duas fontes secundárias, porém não foi possível devido à agenda da segunda especialista. Além disso, de acordo com as nossas limitações, realizamos a pesquisa de campo nos locais de filmagem para conhecermos melhor o ambiente e nos familiarizarmos com os personagens.

Após a elaboração da proposta, partimos para o tratamento que, para nossa melhor compreensão, nomeamos como pré-roteiro. No tratamento, descrevemos algumas cenas, sugestões de enquadramentos, imagens e sons que gostaríamos de utilizar, porém com poucos detalhes, devido à imprevisibilidade característica do documentário. Puccini (2010) exemplifica que essa etapa:

Trata-se de definir quais os elementos que comporão suas partes principais em um amplo leque de possibilidades que vai desde a utilização de material de arquivo, a recorrência

a eventos encenados, a filmagem de entrevistas, ou ao registro de eventos autônomos que fogem do controle da produção. (PUCCINI, 2010, p.47)

Em seguida, começamos a gravação das imagens, todas com registros originais e autônomos, ou seja, produzidos pelas próprias documentaristas. “Por eventos autônomos, entendemos todo e qualquer evento que ocorra de forma independente à vontade de produção do filme, de maneira não controlada pelo filme” (PUCCINI, 2010).

Nos enquadramentos durante as filmagens gerais, utilizamos o plano aberto, com a finalidade de ambientar alguns cenários que seriam recorrentes durante o documentário, como a localização e espaços no interior das casas. Já o plano médio, o plano fechado e o primeiríssimo plano, foram empregados para darmos a sensação de proximidade e captar melhor as expressões durante as entrevistas; utilizamos também o plano detalhe, com o objetivo de mostrar os gestos das mãos, características na pele, como as marcas de envelhecimento, e em objetos, como o relógio usado para representar o passar do tempo; e, por fim, em uma das cenas iniciais em que uma das senhoras está lendo um livro, optamos pelo plano fechado, de forma que a personagem ocupasse quase toda a tela, destacando a sua ação no momento. Já em relação à altura e ao ângulo, como não possuíamos equipamentos específicos de filmagem, optamos por capturar a maior parte das imagens em ângulo normal, em frontal ou perfil.

Logo depois, com as filmagens e áudios prontos, realizamos a análise do material captado e a decupagem de todos os vídeos, sendo essa a etapa da produção que mais demandou tempo, porém foi primordial para começarmos a arquitetar a montagem do documentário. Aqui, estruturamos todo material discursivo, selecionamos a minutagem de vídeos e áudios, as legendas das imagens e os textos e os cortes de imagem.

A montagem se preocupa em ajustar o tempo dos planos, dando o ritmo certo às sequências, fazendo com que a ação dramática seja transposta de maneira eficaz para o meio; está, no mais das vezes, presa à lógica de uma narrativa. (SOARES, 2007)

Apesar de termos redigido o tratamento, houve algumas alterações em relação ao que tínhamos proposto. Para Sérgio Soares (2007), esse é um processo natural:

Esse roteiro poderá ou não seguir a estrutura proposta pelo tratamento escrito na fase de pré-produção, texto que serviu como mapa para orientar as filmagens e definir os principais pontos de interesse do documentário. A experiência de filmagem, bem como contato com o universo abordado, pode subverter noções preliminares, esboçadas na pré-produção, criando novos focos de interesse para o filme, o que obriga ao realizador pensar em uma nova organização do material que incorpore essas mudanças. (SOARES, 2007, p.188)

Antes da etapa de edição de fato, também construímos o roteiro de edição baseado no que foi definido na montagem. Utilizamos um documento compartilhado para escrevermos o roteiro e construímos uma tabela para separar sonora e imagem. No roteiro, definimos a abertura e encerramento, separamos o documentário por blocos de conteúdos de acordo com uma linha narrativa dos fatos, elencamos os intertítulos para sinalizar os personagens e localidades, colocamos os vídeos e áudios com o tempo desejado, gravamos a leitura do poema autoral de introdução e selecionamos algumas sonoras para atuar como som de fundo em algumas cenas. Por fim, foi realizada a edição do documentário fundamentada no roteiro de edição e, antes de termos a versão final do produto, passamos por três edições com pequenos ajustes nos vídeos, nas sonoras e nas narrativas.

4.3. PÓS-PRODUÇÃO

Depois de finalizada a edição do documentário, nosso foco é em sua divulgação, cuja estratégia será publicar o vídeo no Youtube e compartilhar nos diversos grupos de Alzheimer no Facebook, que entramos no início do projeto para poder saber mais sobre a doença e ter acesso aos relatos dos familiares com os pacientes. Esses grupos servem de suporte para que as pessoas que passam pela mesma situação possam dividir suas dificuldades e tirar dúvidas a respeito da doença e do cuidado com o ente querido. O

objetivo de divulgar nesse meio é fazer com que quem passa pelas mesmas situações ocasionadas pela doença, possa se identificar com as famílias retratadas e entender mais sobre essa demência com as explicações das especialistas, uma vez que, apesar de lidar diariamente com os sintomas do Alzheimer, muitas vezes os familiares ainda não entendem muito bem a doença e como cuidar da melhor forma.

Para além deste Trabalho de Conclusão de Curso, planejamos criar um Instagram para divulgação do nosso documentário pelo IGTV e para utilizar essa ferramenta como forma de reunir e eternizar memórias de pacientes de Alzheimer, por meio de postagens que contam histórias de pessoas que perderam suas memórias para a doença.

Além disso, para alcançar mais pessoas, visamos tentar a divulgação do documentário em um canal de TV aberta e pública, como a TV Unesp e a TV Cultura.

5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO FINAL

5.1. ESTRUTURA

O documentário conta a história de três pacientes com Alzheimer, mostra a relação com suas famílias e a rotina de cuidados, além das cenas serem intercaladas com entrevistas realizadas com especialistas da saúde — uma gerontóloga e uma psico gerontóloga —, que elucidam a respeito da doença.

A proposta é ter uma abertura poética e emotiva, por isso o documentário inicia-se com imagens afetivas, acompanhadas pela narração de um poema autoral. Além disso, o efeito de abertura para apresentar o nome do documentário, em que as cenas das protagonistas são intercaladas com a tela que se apaga, tenta passar a ideia de lapso na memória dos pacientes. E, com o objetivo de informar na abertura sobre o que se trata o produto, logo depois do nome do documentário, há uma tela que apresenta o tema a ser tratado: “Alzheimer - uma doença da família”.

Após essa introdução, no primeiro bloco é contada brevemente a

história das pacientes antes do Alzheimer, depois as especialistas aparecem explicando sobre a doença e então os familiares relatam sobre o momento do diagnóstico, como foi a descoberta.

Logo após, é esclarecido sobre as principais causas para o desenvolvimento da doença, as quais variam bastante de caso para caso. O próximo bloco apresenta a relação do familiar com o paciente, o que mudou e como é a rotina de cuidados. Em seguida, é introduzido um dos sintomas da demência de Alzheimer: as alucinações, ou melhor, as histórias que os pacientes inventam, mas que muitas vezes podem ter realmente acontecido, porém em um passado distante, e esses relatos são contados pelos familiares. As especialistas também aproveitam para explicar a respeito desse comportamento.

No documentário, não há a presença de um narrador, as falas são apenas das fontes. O produto audiovisual é finalizado com uma mensagem de que precisamos buscar conhecimento sobre o desconhecido, ou seja, entender mais sobre a doença, e agregar ao máximo o paciente no seio familiar sem fazer discriminação. Na parte dos créditos, além do nome dos participantes, das realizadoras e produtoras e da editora de vídeo, passam as fotos tiradas durante o processo de gravação do documentário com as fontes.

5.2. PÚBLICO-ALVO

Homens e mulheres a partir dos 17 anos, de diferentes classes sociais, que tenham acesso à internet e disponham de aparelho eletrônico para poderem assistir ao produto. Como trata-se de um produto audiovisual e visamos elucidar sobre a doença de Alzheimer para o público, é preciso ter pelo menos o ensino básico para conseguir compreender a explicação dos especialistas. Além disso, o público-alvo precisa ter interesse em documentários.

5.3. CUSTOS

Tabela 3 - Custos do documentário

Estadia	
Viagem de ida e volta de São Paulo para Ipaussu	R\$100
Deslocamento em São Paulo	R\$18,77
Viagem de ida e volta de Ipaussu para Americana	R\$342,56
Deslocamento em Americana	R\$36,88
Alimentação	R\$16,20
Hospedagem	R\$ 0
Equipamentos	
Câmera, Carregador, Cartão de memória de 32GB e Monopé	R\$2.000
Edição	
Edição do documentário	R\$350
Identidade Visual	R\$70
Total	R\$2.934,41

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

5.4. CONCEITO CRIATIVO

O nome “Pensa que eu esqueci?” foi idealizado a partir da ideia de que as memórias não são apenas constituídas de pensamentos, mas são fragmentos de sentimentos, sensações, demonstrações e marcas na pele criadas com o passar do tempo. Além disso, não são apenas as memórias de um indivíduo que contam a sua história, mas a memória de seus entes queridos, de seus amigos, de seus amores, de seus vizinhos e conhecidos também. O poema autoral lido no início do documentário, reforça o conceito de que as nossas memórias e histórias de vida moram nas pessoas que amamos. Sendo assim, “Pensa que eu esqueci”, visa passar essa mensagem de que, embora a doença de Alzheimer leve ao esquecimento, muitos momentos ficam marcados de diferentes formas no paciente e recordados pela família e amigos, além de eternizados por meio de fotos e vídeos, como esse documentário.

Em relação à identidade visual, de um lado pensamos em retratar a

parte anatômica do cérebro, remetendo à doença de Alzheimer, ao esquecimento e memórias. Do outro, buscamos simbolizar o desabrochar de uma flor, que se assemelha às ramificações cerebrais, mas representa também o cuidado, o amor, a dedicação dos cuidadores e familiares, bem como é preciso no cultivo flores, por se tratar de um ser dependente. Já a cor roxa, além de ser a cor que representa a conscientização sobre a doença de Alzheimer, datado em 21 de setembro, também é uma cor que reproduz calma e estímulos à área do cérebro ligada à resolução de problemas e à criatividade.

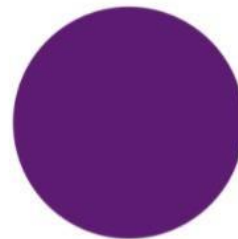
Figura 1 - Paleta de cores



PANTONE P 88-5 C

CMYK: C 29% M 61% Y 7% K 0%

RGB: R 179% G 132% B 178%



PANTONE P 91-16 C

CMYK: C 73% M 100% Y 23% K 0%

RGB: R 94% G 27% B 115%

Figura 2 - Logotipo do Projeto

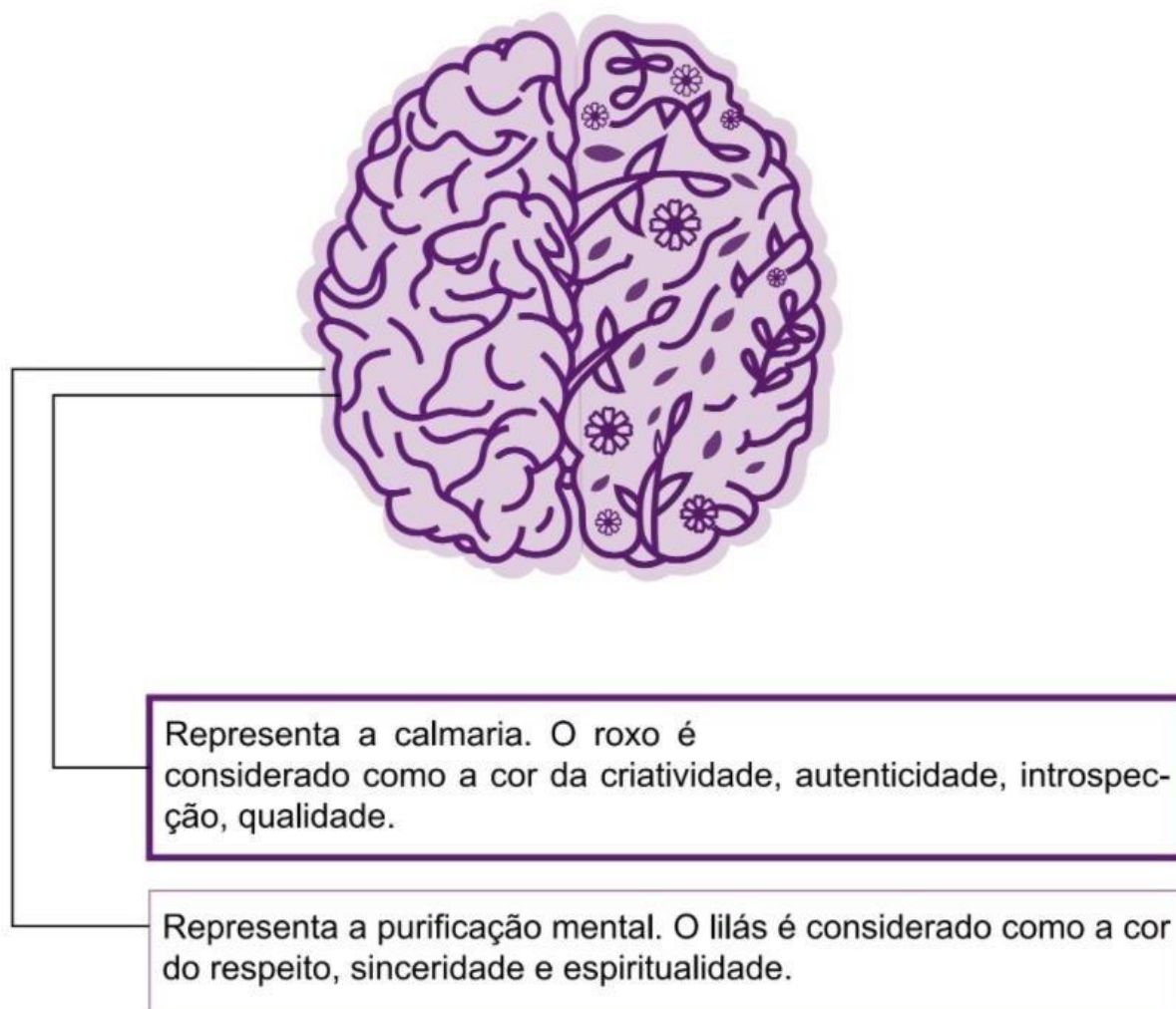


Figura 3 - Aplicação da identidade visual

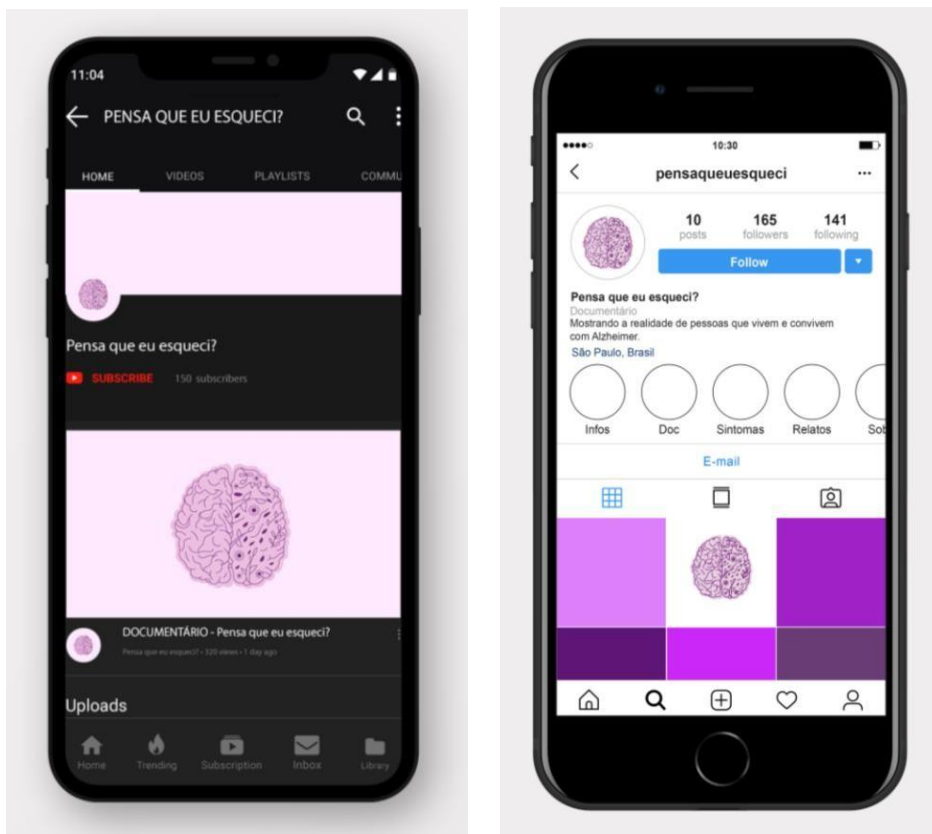
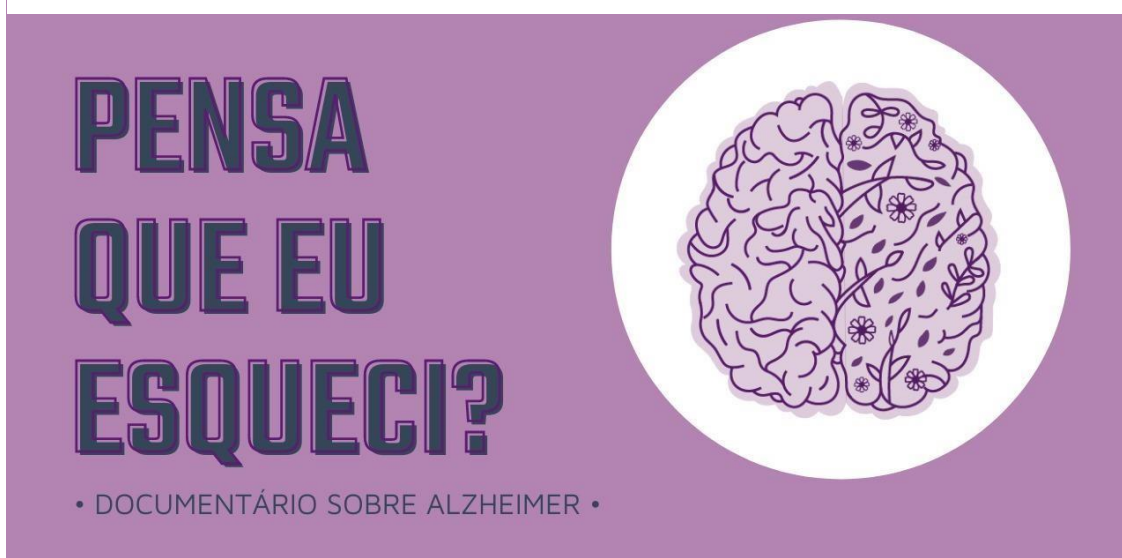


Figura 4 - Capa do vídeo no Youtube



6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em março de 2021, fizemos um cronograma inicial para o desenvolvimento do trabalho de conclusão de curso, porém, devido à pandemia e calendário de vacinação da Covid-19, tivemos que postergar as datas para gravação presencial do documentário, uma vez que os principais afetados tanto pela Covid quanto pelo Alzheimer são os idosos. Sendo assim, decidimos aguardar todos estarem vacinados e os casos terem diminuído para não colocarmos ninguém em risco.

Tabela 4 - Primeiro planejamento do documentário

TÍTULO DO PROJETO		DOCUMENTÁRIO ALZHEIMER	UNESP																	
RESPONSÁVEL DO PROJETO		BRUNA SCIARINI E NATHALIA SOARES	2021																	
FASE	DETALHES	ABRIL		MAIO				JUNHO		JULHO		AGOSTO								
SEMANA DO PROJETO:		04/04	11/04	18/04	25/04	02/05	09/05	16/05	23/05	30/05	06/06	13/06	20/06	27/06	04/07	11/07	18/07	25/07	01/08	
1	DEFINIÇÃO DE ORIENTADOR - ORIENTADOR - COORIENTADOR																			
2	PESQUISA SOBRE O TEMA ALZHEIMER - PESQUISA GERAL - ARTIGOS SOBRE O TEMA - ESTUDOS CIENTÍFICOS																			
3	PESQUISA E SELEÇÃO DAS FONTES - PROFISSIONAIS DA SAÚDE - REPRESENTANTES INSTITUICÓES - PACIENTES E FAMÍLIA																			
4	PESQUISA SOBRE DOCUMENTÁRIO - PESQUISA GERAL - PESQUISA ESPECÍFICA (DOC EM SÉRIE)																			
5	PESQUISA SOBRE DOCUMENTÁRIO - ESTUDO DAS POSSIBILIDADES - ESCOLHA																			
6	criação PRÉ-ROTEIRO - PROCESSO DE ESCRITA																			

Primeiro planejamento de cronograma de execução do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Fonte: Elaborado pelas autoras (2021)

Na etapa de pesquisa do produto, tivemos como principal inspiração as produções e estudos do documentarista Eduardo Coutinho, o qual vimos com frequência durante as aulas de audiovisual na graduação. Outra figura importante foi o Nilson Lage, que foi referência quanto à parte mais jornalística do projeto, como elaboração de pauta e entrevistas. Embora tenhamos tido uma boa base teórica para produção do documentário, a parte da execução foi desafiadora, uma vez que não é tão simples quanto parece ao assistir documentários feitos por profissionais experientes nisso.

Já ao analisar os estudos a respeito da temática deste projeto, notamos a carência de avanços nas pesquisas de Alzheimer. Apesar de serem muitas, os estudiosos não conseguem progredir muito, pois é uma doença complexa e que ainda não há cura, nem foi possível desenvolver produtos preventivos

e paliativos de alta eficácia, e ainda não há um exame concreto para descoberta do Alzheimer — diferentemente do vírus da Covid-19, que em menos de um ano as esferas públicas e privadas já desenvolveram várias vacinas. Infelizmente, é como se a ciência estivesse estagnada em relação a isso, embora coloque muitos esforços financeiros e intelectuais no desenvolvimento de soluções para esse tipo de demência.

Com o avanço da vacinação e diminuição de casos no segundo semestre do ano, fomos atrás de fontes que aceitassem participar. No caso das especialistas da área da saúde, elas preferiram realizar a entrevista de forma online por conta do cenário pandêmico, por isso nos adequamos às gravações via videochamada, as quais não tiveram uma ótima qualidade, como o que aconteceu na entrevista com a psicogerontóloga, Simone, em que a posição da webcam prejudicou o enquadramento. Apesar de tentarmos outro ângulo com ela, não foi possível mudar de lugar. Também tentamos contato com outros profissionais da saúde, como neurologistas, mas não tivemos retorno.

Já a procura por famílias para fazer parte do documentário foi ainda mais difícil, uma vez que o assunto é um tanto delicado e muitas pessoas que entramos em contato não se sentiram confortáveis para falar sobre o assunto. Fizemos um formulário de interesse para participar do documentário e divulgamos nos diversos grupos sobre Alzheimer que entramos no Facebook, mas tivemos apenas 3 respostas, sendo que nenhum desses interessados eram do estado de São Paulo, o que dificultaria a logística de deslocamento.

No final das contas, conseguimos gravar com a dona Ângela, avó de uma das autoras deste trabalho, o que facilitou nossa aproximação com a família e paciente entrevistada, além de conseguirmos capturar mais cenas no dia a dia. Já nas gravações com a dona Nena e dona Ilda, avós de uma colega de sala, tivemos que realizar tudo em um único final de semana em Americana.

Em relação aos equipamentos, compramos uma câmera usada para a realização deste documentário, por ser mais acessível. Em algumas cenas, é possível notar a dificuldade em usar a função zoom da câmera devido ao

barulho e um certo tranco dado, principalmente na cena em que a Maria Sciarini começa a chorar na cozinha e, na tentativa de mostrar mais de perto sua expressão, acabamos aproximando de uma forma um pouco brusca.

Após captar todo o material audiovisual, iniciamos a decupagem dos vídeos, o que levou bastante tempo, devido à necessidade de transcrição para auxiliar na construção do roteiro. A orientação do professor Francisco foi fundamental também nessa fase, uma vez que ele havia indicado fazermos pré-entrevistas para, a partir das respostas das fontes, entendermos quais perguntas iriam fornecer as informações que estavam de acordo com o objetivo do projeto, assim a entrevista seria mais rápida e objetiva para agilizar o processo de decupagem.

Depois dessa etapa, seguimos para a elaboração do roteiro de edição, o qual sofreu algumas alterações após a produção do documentário, pois na hora da execução notamos que não faria tanto sentido a posição de algumas cenas que separamos por blocos, e no produto foi mudada a ordem, principalmente das entrevistas finais. Essas mudanças deram mais fluidez e coerência à narrativa.

Sendo assim, entendemos que um planejamento detalhado e realista para a execução de um documentário é fundamental. Contudo, nem sempre as coisas irão acontecer conforme programado, geralmente será necessário um ajuste de rota e precisamos estar preparados para realizar mudanças no decorrer do processo. Por isso, o roteiro do documentário não é tão engessado como o de um filme, e sim, mais flexível, devido à imprevisibilidade dos acontecimentos que podem mudar o percurso da narrativa.

REFERÊNCIAS

BRUNA, Maria Tereza Varella. Doença de Alzheimer. Drauzio Varella. Disponível em: <<https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/doenca-de-alzheimer/>>. Acesso em: 31 de jan. de 2022.

CARAMELLI, Paulo; BOTTINO, Cássio. Tratando os sintomas comportamentais e psicológicos da demência (SCPD). *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, v. 56, n. 2, p. 83- 87, 2007.

CRUZ, Marília da Nova; HAMDAN, Amer Cavalheiro. O impacto da doença de Alzheimer no cuidador. *Psicologia em estudo*, v. 13, p. 223-229, 2008.

FIGUEIROA, Alexandre; BEZERRA, Claudia; FECHINE, Yvana. “O documentário como encontro: entrevista com o cineasta Eduardo Coutinho”. *Revista Galáxia*, PUC- SP, número 6, outubro de 2003, pp.213-229.

FORLENZA, Orestes V. Tratamento farmacológico da doença de Alzheimer. *Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)*, v. 32, n. 3, p. 137-148, 2005.

GARCIA, J. FORMATO DE DOCUMENTÁRIO - Güella Multimídia - Medium. Disponível em: <<https://medium.com/g%C3%BCella-multim%C3%ADdia/formato-de-document%C3%A1rio-acd533206694>>. Acesso em: 18 fev. 2022.

GRAEBER, M., KÖSELI, S., Egensperger, R. et al. Rediscovery of the case described by Alois Alzheimer in 1911: historical, histological and molecular genetic analysis. *Neurogenetics* 1, 73–80 (1997).

HAMPE, Barry. ESCREVENDO UM DOCUMENTÁRIO. Disponível em: <<http://apdmce.com.br/wp-content/uploads/2020/01/Escrevendo-um-documentario.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2022.

LAGE, Nilson. Teoria e técnica de reportagem, entrevista e pesquisa jornalística. Disponível em: <<http://nilsonlage.com.br/wp-content/uploads/2017/10/A-reportagem.pdf>>. Acesso em 12 de fev. de 2022.

MÉTODO o. Direção: Liliana Sulzbach. Produção: Liliana Sulzbach. Canal Curta, 2019, 80 min. Disponível em: <https://canalcurta.tv.br/filme/?name=o_metodo>. Acesso em: 11 set. 2021.

NAVEGA ROTAS CRIATIVAS. Qual a origem do Documentário na história no cinema? Disponível em: <<https://www.navega.art.br/blogs/news/origem-documentario-historia-cinema>>. Acesso em: 18 fev. 2022.

NICHOLS, Bill. Introdução ao Documentário. 3. Ed. – LIVRO. Campinas: Papirus Editora, 2008.

OLIVEIRA, Michelle Gusmão e MARQUES, Edmilson Ferreira. O Documentário e suas Especificidades. In: CONGRESSO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UEG, III., 2016, Pirenópolis.

PIMENTA, Tatiane. Alzheimer: sintomas, causas e tratamento e prevenção. Disponível em: <<https://www.vittude.com/blog/alzheimer/>> Acesso em: 12 de fev. de 2022.

PINTO, Meiry Fernanda et al. Qualidade de vida de cuidadores de idosos com doença de Alzheimer. Acta paulista de enfermagem, v. 22, p. 652-657, 2009.

Primeiro Filme. Enquadramento: planos e ângulos. Disponível em <<https://www.primeirofilme.com.br/site/o-livro/enquadramentos-planos-e-angulos/>>. Acesso em: 12 de fev. de 2022.

PUCCINI, Sérgio. Considerações sobre o roteiro de documentário. Revista Científica/FAP, 2010.

PUCCINI, Sérgio. Introdução ao roteiro de documentário. Doc On-line: Revista Digital de Cinema Documentário, n. 6, p. 173-190, 2009.

RAMOS, Fernão Pessoa. O que é documentário? In: Ramos, Fernão Pessoa e Catani, Afrânio (orgs.). Estudos de Cinema SOCINE 2000, Porto Alegre, Editora Sulina, 2001, pp. 192/207. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5622452/mod_resource/content/1/pessoa-fernao-ramos-o-que-documentario.pdf>. Acesso em: 26 set. 2021.

RECSTORY. 6 tipos de vídeo documentário para sua empresa se inspirar - Recstory. Disponível em: <<https://www.recstory.com.br/post/6-tipos-de-video-documentario-para-sua-empresa-se-inspirar-recstory>>. Acesso em: 25 set. 2021.

RIOS, L. Pauta jornalística: o que é preciso para elaborar uma? Disponível em: <<https://rockcontent.com.br/talent-blog/pauta-jornalistica/>>. Acesso em: 12 fev. 2022.

SAMPAIO, Cristiane. Casos de Alzheimer podem quadruplicar no Brasil até 2050, alerta associação. Brasil de Fato, 2020. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2020/09/29/casos-de-alzheimer-podem-quadruplicar-no-brasil-ate-2050-alerta-associacao>>. Acesso em: 10 de fev. de 2022.

SELES PERES, S.; SILMARA, R.; GABRIOLLI. Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Santos, 2007. O formato e a linguagem dos documentários produzidos sobre a cidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/r0626-1.pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2022.

SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. Estudos em

jornalismo e mídia, v. 2, n. 1, p. 95-107, 2005.

SMITH, Marília de Arruda Cardoso. "Doença de Alzheimer." *Brazilian Journal of Psychiatry* 21 (1999): 03-07.

SOARES, Sergio Jose Puccini. *Documentário e roteiro de cinema: da pré-produção à pós-produção*. Campinas: IA/Unicamp, 2007.

SOUZA, Gustavo. Vista do Gênero, discurso e gêneros do discurso: contribuições de Carroll, Nichols e Bakhtin para o estudo do documentário cinematográfico. *Revista Fronteiras, Unisinos*, p. 104-110, mai., 2008. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/5380/2637>>. Acesso em: 25 set. 2021.

VOLTOLINI, Ana. *Teoria da Informação Audiovisual*. Disponível em: <<http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/597135>>. Acesso em: 18 fev. 2022.

APÊNDICE A - Definição de formato

ORIENTAÇÃO TCC DOCUMENTÁRIO E GRANDE REPORTAGEM

ORIENTAÇÃO: MAX E FRANCISCO

DOCUMENTÁRIO

Documentário é um gênero do cinema que tem como objetivo a apresentação de uma visão da realidade por meio da tela. Para isso, esse gênero utiliza-se de arquivos históricos, imagens, entrevistas com pessoas envolvidas e outros recursos, permitindo que ele seja construído ao longo do processo de sua produção e somente seja finalizado com a edição. Assim, apesar de possuir um roteiro, o documentário não é escrito ou planejado, e sim construído processualmente de forma criativa e nem sempre fidedigna à realidade.

- Produção
 - Definição de tema;
 - Definição de público-alvo;
 - Definição de objetivos específicos;
 - Pesquisa;
 - Escolha dos lugares para gravação;
 - Elaboração de pré-roteiro, com cenas e relatos desejados;
 - Elaboração de contratos de imagem e direitos;
 - Gravações;
 - Edição;
 - Publicação e divulgação do trabalho;

Documentário

- Objetivo
 - Principal: Mostrar a diferenciação de classes

Secundário: esclarecer sobre a doença e suas possíveis causas

- Plataforma

Instagram

PRÓS	CONTRAS
Liberdade criativa	Tempo de produção longo
Inovação	Gravações na Pandemia
Utilização de banco de imagens	Burocracias contratuais
Parcialidade na construção da narrativa	Caso presencial, requer equipamentos
Conhecimento em uma área pouco explorada no curso	Necessário maior estudo de imagem
Utilização formatos audiovisuais diversos	Nível de dificuldade de edição: alto
Possibilidade de divulgação diversa	
Maiores chances de tornar o produto rentável	

GRANDE REPORTAGEM

A grande reportagem está sustentada por técnicas da Pesquisa Jornalística, que é composta pela pesquisa documental, fontes pessoais e observação direta – esta última considerada como a forma mais genuína da pesquisa jornalística, quando o repórter está no local do fato.

- Produção:
 - Planejamento;
 - Apuração;
 - Pesquisas de fontes primárias secundárias;
 - Pesquisa de fontes documentais;
 - Produção;
 - Edição,
 - Publicação.

PRÓS	CONTRAS
Tempo de produção curto	Imparcialidade no processo
Facilidade de fontes	Pouca liberdade criativa
Parte da gravação a distância	Inovação limitada
Nível de dificuldade de edição: médio	Possibilidade de divulgação restrita
Utilização de hipermídia	Menores chance de tornar o produto rentável

APÊNDICE B - Formulário de coleta de fontes

13/02/2022 15:31

Participação em documentário sobre Alzheimer



Participação em documentário sobre Alzheimer

Olá! Tudo bem?

Somos duas estudantes do último ano do curso de Jornalismo da Unesp e estamos realizando o nosso Trabalho de Conclusão de Curso a respeito do Alzheimer. Produziremos um vídeo documentário, cujo objetivo é conscientizar as pessoas a respeito da doença e mostrar a realidade vivida pelo paciente e pela família.

Criamos esse formulário para conhecermos pessoas que possam se interessar em participar do nosso documentário. Sendo assim, para podermos gravar, primeiramente conversaremos com os interessados para entender a melhor forma de realizarmos as gravações e enviaremos o documento de autorização de uso de imagem. Como somos de São Paulo capital, precisamos de voluntários que sejam da cidade para ser possível realizarmos as filmagens.

Desde já agradecemos e, qualquer dúvida, estamos à disposição!

 bruna.sciarini@unesp.br (não compartilhado) [Alternar conta](#) 

*Obrigatório

Nome: *

Sua resposta

Cidade e Estado *

Sua resposta

Telefone para contato *

Sua resposta

Se você tem interesse em participar do documentário, autoriza às autoras o uso da imagem na entrevista? *

Sim

Não

Você é responsável pelos cuidados do paciente ou tem autorização dos responsáveis para falar sobre ele? *

Sim

Não

 https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSfUfhbekN98eaN9OKYREG-E8ebUqSABAdVF1Aafogh_14RrHQ/viewform

1/2

Qual é o seu nível de parentesco com o familiar que tem Alzheimer? Qual o nome dele(a)? *

Sua resposta

Quando descobriu que o seu familiar estava com Alzheimer? *

Sua resposta

Quem realiza os cuidados do paciente com Alzheimer? *

- Eu mesmo(a)
- Familiar
- Cuidador contratado
- Casa de repouso
- Outro:

Se você se sentir à vontade, nos conte qual o estágio da doença de Alzheimer no paciente

- Estágio inicial/leve
- Estágio intermediário
- Estágio avançado
- Outro:

Nos conte um pouco sobre a história do seu parente com o Alzheimer e sua relação com ele(a) *

Sua resposta

Enviar

Limpar formulário

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este formulário foi criado em Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". [Denunciar abuso](#)

Google Formulários



APÊNDICE C - Formulário de imagem dos familiares e pacientes

13/02/2022 16:00

TERMO DE CESSÃO DE USO DE IMAGEM



TERMO DE CESSÃO DE USO DE IMAGEM

Eu,
portador(a) da carteira de identidade RG n.º e CPF
....., autorizo, de forma gratuita e sem custo, por
tempo indeterminado o uso de minhas imagens para uso único e exclusivo no filme
documentário: "Pensa que eu esqueci?", com direção e produção de Bruna Carla Sciarini
(RG: 38115991-7 SSP/SP) e Nathalia Soares Ribeiro (RG: 37.294.849-2 SSP/SP) para o
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Jornalismo na Faculdades de Artes, Arquitetura e
Comunicação da Unesp, localizada na Av. Eng. Luis Edmundo Carrijo Coube, 14-01 - Vargem
Limpa, Bauru/SP, 17033-360.

Pela presente cessão, ao documentário "Pensa que eu esqueci?" será mencionada nos
créditos finais a título de Imagens de Arquivo e Agradecimentos.

O uso das imagem e voz é autorizado única e exclusivamente para uso no filme
documentário supra citado: "Pensa que eu esqueci?" e dentro deste as imagens podem ser
utilizadas para exibição em televisão, cinema, internet (YouTube e redes sociais).

A presente autorização é concedida a título gratuito, sem necessidade do pagamento de
qualquer retribuição ou direitos conexos, e sem limite de prazo, por tempo ilimitado,
abrangendo a divulgação da imagem no território brasileiro e no exterior.

 bruna.sciarini@unesp.br (não compartilhado) [Alternar conta](#) 

*Obrigatório

Nome: *

Sua resposta

E-mail *

Sua resposta

RG *

Sua resposta

CPF *

Sua resposta

Cidade/Estado *

Sua resposta



https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSeHLD4fGmwne478e1XbSRTAo9T_A6qSyxaq3kbY3c5Mr8VNwg/viewform

1/2

TERMO DE CESSÃO DE USO DE IMAGEM

Por ser esta a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso das imagens conforme acima descrito, sem que nada haja a ser reclamado, e assino a presente autorização. *

- Sim
- Não

Você é responsável pelos cuidados do paciente ou tem autorização dos responsáveis para falar sobre ele? *

- Sim
- Não

Nome: *

Sua resposta

Enviar

Limpar formulário

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este formulário foi criado em Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". [Denunciar abuso](#)

Google Formulários



APÊNDICE D – Formulário de imagem dos Especialistas

13/02/2022 16:05

TERMO DE CESSÃO DE USO DE IMAGEM


TERMO DE CESSÃO DE USO DE IMAGEM

Eu,,
portador(a) da carteira de identidade RG n.º..... e CPF .
....., autorizo, de forma gratuita e sem custo, por
tempo indeterminado o uso de minhas imagens para uso único e exclusivo no filme
documentário: "Pensa que eu esqueci?", com direção e produção de Bruna Carla Sciarini
(RG: 38115991-7 SSP/SP) e Nathalia Soares Ribeiro (RG: 37.294.849-2 SSP/SP) para o
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Jornalismo na Faculdades de Artes, Arquitetura e
Comunicação da Unesp, localizada na Av. Eng. Luís Edmundo Carrijo Coube, 14-01 - Vargem
Limpa, Bauru/SP, 17033-360.

Pela presente cessão, ao documentário "Pensa que eu esqueci?" será mencionada nos
créditos finais a título de Imagens de Arquivo e Agradecimentos.

O uso das imagem e voz é autorizado única e exclusivamente para uso no filme
documentário supra citado: "Pensa que eu esqueci?" e dentro deste as imagens podem ser
utilizadas para exibição em televisão, cinema, internet (YouTube e redes sociais).

A presente autorização é concedida a título gratuito, sem necessidade do pagamento de
qualquer retribuição ou direitos conexos, e sem limite de prazo, por tempo ilimitado,
abrangendo a divulgação da imagem no território brasileiro e no exterior.

 bruna.sciarini@unesp.br (não compartilhado) [Alternar conta](#)



*Obrigatório

Nome: *

Sua resposta

E-mail *

Sua resposta



RG *

Sua resposta

CPF *

Sua resposta

Cidade/Estado *

Sua resposta

Por ser esta a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso das imagens conforme acima descrito, sem que nada haja a ser reclamado, e assino a presente autorização. *

 Sim Não

Enviar

Limpar formulário

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este formulário foi criado em Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". [Denunciar abuso](#)

Google Formulários



APÊNDICE E - Pauta

PROPOSTA:

O documentário irá abordar a respeito do Alzheimer e será dividido em dois episódios. O primeiro irá esclarecer sobre a doença e contará com a participação de especialistas da área da saúde - Neurologista, Psicogerontóloga e Pesquisadora - para explicarem a respeito desse tipo de demência, causas, prevenção e tratamento, visto que é uma doença que está acometendo cada vez mais a população mundial, mas ainda é tem suas origens pouco conhecidas. Já no segundo episódio, o foco será mostrar a relação do familiar com o ente querido que tem Alzheimer, uma vez que é uma doença que também acomete todos que convivem com o paciente por conta dos cuidados exigidos pela doença. Sendo assim, o produto terá como narrativas centrais a vida de duas pacientes com Alzheimer, cujo objetivo é mostrar o dia a dia das pacientes, a relação com os familiares e como se adaptam para manter a rotina de cuidados.

OBS.: As entrevistas com os especialistas serão todas de forma on-line, apenas as filmagens com os pacientes de Alzheimer e seus familiares que serão presenciais.

DATA: xx/11 (xx-feira), às xxhxx

LOCAL 1: via Zoom

ENTREVISTADO 1: Sonia Brucki (neurologista, com especialização em Alzheimer)

O QUE DIZ: A entrevistada irá explicar sobre a doença do mal de Alzheimer e seus estágios, os motivos para o desenvolvimento, como se prevenir, as medidas paliativas e quais são os recursos existentes para tratamento, além da importância do papel dos familiares nesse processo.

PERGUNTAS:

- 1) O que é o Alzheimer?
- 2) Quais as principais diferenças entre um paciente com Alzheimer e um paciente saudável?
- 3) A que tipo de sinais nós precisamos ficar atentos para perceber a possibilidade de surgimento de um caso de Alzheimer em algum ente querido?
- 4) E quando a gente identifica o surgimento de possíveis sintomas de Alzheimer no ambiente familiar, qual o primeiro passo depois disso?
 - Como é feito o diagnóstico?
- 5) Depois do diagnóstico, como é feito o tratamento do Alzheimer?
- 6) Quais são as medidas de prevenção ou paliativas contra o Alzheimer?
- 7) O Alzheimer atinge apenas as pessoas idosas? Tem alguma idade mais propensa para o desenvolvimento da doença?
- 8) Qual a classificação para medir o avanço do Alzheimer no paciente? Como o profissional da saúde realiza a identificação?
- 9) Quais profissionais podem ser aliados no tratamento da doença?
- 10) É possível ter Alzheimer e ter qualidade de vida?

DATA PRÉ ENTREVISTA: 06/11, sábado, às 11h00

DATA ENTREVISTA: 27/11, sábado, às 11h00

LOCAL 2: via Zoom

ENTREVISTADO 2: Simone Manzano (Psicogerontologia)

O QUE DIZ: A entrevista irá esclarecer a respeito do impacto do Alzheimer na vida dos pacientes e as formas de tratamento/prevenção desenvolvidos pela psicologia, como as estimulações cognitivas para pessoas com DA e estimulação cognitiva preventiva.

PERGUNTAS:

- 1) O que é psicogerontologia? E qual a importância dela no tratamento do Alzheimer?
- 2) O que é o Alzheimer?
 - O que é uma demência?
- 3) Qual a visão da psicologia em relação ao Alzheimer? Como acontece o processo de evolução da doença no paciente?
- 4) E quando a gente identifica o surgimento de sintomas como o do Alzheimer no ambiente familiar, qual o primeiro passo depois disso?
- 5) Qual o impacto desse tipo de doença no ambiente familiar e social?
- 6) Apesar do processo de envelhecimento ser natural, muitos familiares têm dificuldades de lidar com essa transição. No caso do desenvolvimento de uma demência, como o Alzheimer, esse processo pode ser ainda mais doloroso. Alguns dos sintomas são a alteração no comportamento e distorção da realidade, como alucinações ou memórias "criadas". Qual a melhor forma dos familiares lidarem com essas situações?
- 7) Uma das principais questões que os familiares encontram, é contar para o paciente ou não sobre a doença, principalmente na fase inicial do Alzheimer (que a pessoa ainda compreende algumas coisas). Para você, qual é a melhor alternativa? E qual a melhor maneira de conduzir essa conversa?
- 8) Quem atua na área da saúde, mais relacionada ao envelhecimento, percebe ainda algum nível considerável de desinformação das pessoas sobre o assunto? A gente vê muita gente dizendo que a demência é "natural", "típica da velhice", por exemplo. Há uma dificuldade popular em perceber que isso também pode ser uma anormalidade?
- 9) Tem algum método para estimular o cérebro e prevenir contra o Alzheimer?
- 10) É possível ter Alzheimer e ter qualidade de vida?

DATA: 29/10, sexta-feira, às 14h00

LOCAL 3: via Zoom

ENTREVISTADO 3: Cláudia Suemoto (Grupo de Estudo sobre Envelhecimento Cerebral da USP)

O QUE DIZ: A Cláudia é uma das professoras responsáveis pelo Grupo de Estudo sobre Envelhecimento Cerebral da USP, a ideia é que a pesquisadora fale sobre os estudos relacionados ao envelhecimento normal, além de explicar como as demências atuam no

sistema neurológico, no cérebro e como está associado a doenças cardiovasculares do paciente.

PERGUNTAS:

- 1) Quais são as principais causas de Alzheimer e outras demências no Brasil?
- 2) Como é o processo de desenvolvimento do Alzheimer no paciente?
 - O esquecimento está ligado aos demais sintomas do Alzheimer?
- 3) Quem atua na área da saúde, mais relacionada ao envelhecimento, percebe ainda algum nível considerável de desinformação das pessoas sobre o assunto? A gente vê muita gente dizendo que a demência é "natural", "típica da velhice", por exemplo. Há uma dificuldade popular em perceber que isso também pode ser uma anormalidade?
- 4) Quais os principais fatores de risco para o desenvolvimento do Alzheimer?
 - Como o estilo de vida das pessoas pode estar ligado ao desenvolvimento e aumento dos casos de Alzheimer?
- 5) Apesar da grande quantidade de estudos, o Alzheimer é uma doença que tem muitas causas desconhecidas. Você acredita que os médicos brasileiros estão preparados para diagnosticar e prescrever o tratamento da doença?
- 6) O que é envelhecer de forma saudável?
 - Como se cuidar para envelhecer com saúde? (quais são os hábitos saudáveis que podem ser inseridos na rotina?)
- 7) É possível ter Alzheimer e ter qualidade de vida?

DATA: 22/11, segunda-feira, até 26/11, sexta-feira.

LOCAL 3: Ipaussu/SP

ENTREVISTADO 3: Angela Sienfuego (paciente com Alzheimer) e Maria Sciarini (filha).

DATA: 21/11, domingo.

LOCAL 4: Americana/SP

ENTREVISTADO 4: Encarnação Medina dos Santos (paciente com Alzheimer) e Ariane Maurici (filha).

DATA: 20/11, sábado, e 21/11, domingo.

LOCAL 5: Americana/SP

ENTREVISTADO 5: Ilda Viana Maurici (paciente com Alzheimer) e Carlos Maurici (filha).

O QUE DIZEM: O familiar irá compartilhar sobre a história da paciente até o desenvolvimento da doença, como é o relacionamento com o ente querido que tem Alzheimer, além de contar e mostrar o dia a dia, desde a rotina, até os cuidados necessários para o bem-estar da portadora da demência.

Ideias de cenas:

- A rotina da pessoa desde a parte da manhã até a noite
- Os cuidados com o cuidador
- Fotografias e objetos que remetem às memórias
- Relógio para dar ideia do tempo passando
- Entrada das casas
- Remédios

Para o familiar:

1. Como era a sua mãe antes do Alzheimer?
 - E hoje, como é a sua mãe?
2. Você pode compartilhar com a gente um pouco da história da sua mãe, com o que ela trabalhava, como era a vida mais nova?
 - Conte uma memória boa e marcante que tem com a sua mãe.
3. Quais foram os primeiros sinais ou comportamentos diferentes que notou na sua mãe em relação à essa demência?
4. Para você, como foi a descoberta do Alzheimer na sua mãe?
5. Teve alguma mudança na sua rotina depois da descoberta do Alzheimer por conta dos cuidados com a sua mãe?
 - Se sim, como é a rotina de cuidados com ela?
6. Como é o apoio dos demais familiares no cuidado com a [NOME DA PACIENTE]?
7. Você já tinha conhecimento sobre o Alzheimer antes de descobrir a doença na sua mãe?
8. Você acha que algo mudou no seu relacionamento com [NOME DA PACIENTE] depois do Alzheimer?
 - Se sim, como era o seu relacionamento antes com ela? E atualmente?
 - Sente falta de algo na sua relação com ela?
9. Quais comportamentos pensava que era normal do envelhecer e depois percebeu que era por conta do Alzheimer?

Para o paciente:

1. Conte um pouco sobre você, sua história. O que gostava de fazer quando mais jovem?

APÊNDICE F - Roteiro

ROTEIRO DO DOCUMENTÁRIO “PENSA QUE EU ESQUECI?”

IMAGEM	SONORA
<p>VÍDEO</p> <p>[0:07- 0:13] MVI_0817 [0:21 - 0:33] MVI_0868 [3:10 - 3:34] MVI_0775 [0:06 - 0:17] MVI_0792</p> <p>Final da poesia, colocar vídeos: (Talvez minha mente tenha...)</p> <p>[0:22 - 0:28] MVI_0808 [0:04 - 0:12] MVI_0769 [0:15 - 0:21] MVI_0785</p>	<p>ÁUDIO</p> <p>[0:07- 0:13] MVI_0817</p> <p>Começa: “A senhora conhece a Maria...”</p> <p>Termina: “...Qual Maria, você? (risadas)”</p> <p>LOC OFF</p> <p>Pensa que eu esqueci? Nossos momentos Nossos sorrisos Nossos almoços em família Nossos passeios Do seu olhar de ternura ao olhar pra mim Dos dias difíceis em que suas lágrimas solitárias rolaram Às vezes de tristeza e outras de alegria Do seu cuidado ao separar os meus remédios Dos meus medos que você rapidamente apaziguou ao me colocar em seus braços Do seus ouvidos atentos ao ouvir minhas histórias, mesmo que pela décima vez Das vezes que me deu banho, trocou minhas roupas e me colocou pra dormir Das suas mãos que me seguram, me alimentam, me acariciam De quando você se tornou minha mãe, meu pai, minha irmã</p> <p>Pensa que eu esqueci? Da minha e da nossa história?</p> <p>Talvez minha mente tenha apagado, mas eu não esqueci, tudo está gravado em quem eu sou, em meu corpo, em minha pele, em meus sentidos, em meu</p>

	coração. A minha história vive na memória de quem amo.
[0:03 - 0:23] MVI_0833: Maria chegando de manhã na casa da D. Angela LEGENDA DO VÍDEO: "Ipaussu - SP Dona Angela"	LOC OFF [0:01 - 1:13] MVI_0869 Começa: "Santo, mas que Santo será, é o pai do céu..." Termina: "...é o pai do céu ele vai te ajudar"
[0:24 - 0:46] MVI_0816: D. Angela orando com a Bíblia	MVI_0816 Começa: "Lindo, lindo, lindo é..." Termina: "... eu gosto de ler Bíblia"
CORTE (ANTES DO ALZHEIMER)	
D. Angela [0:13 - 0:44] Ipaussu Vídeo 10: Entrevista Maria Sciarini INSERT [1:25 - 1:29] Ipaussu - Vídeo 5	Começa: "Minha mãe sempre foi trabalhadora..." LOC OFF: [0:40 - 0:44] Ipaussu Vídeo 10: Entrevista Maria Sciarini Termina: "...uma pessoa extrovertida, risonha, alegre".
[1:56 - 2:33] Ipaussu Vídeo 10: Entrevista Maria Sciarini INSERT [0:05 - 0:12] IMG_1317	Começa: "inclusive, meu filho comentou..." LOC OFF: [2:22 - 2:29] Ipaussu Vídeo 10: Entrevista Maria Sciarini Termina: "...foi uma coisa assim que a gente não entende"
[2:59 - 3:13] Ipaussu Vídeo 10: Entrevista Maria Sciarini	Começa: "então é uma coisa que pra mim foi surpresa..." Termina: "... eu também esqueço das coisas, mas não foi isso"
[0:46 - 0:55] IMG_1240: Legenda: "Americana - SP	ESCOLHER UMA MÚSICA

Dona Ilda e Dona Nena"	
<p>D. Ilda [1:20 - 1:26] Americana - Vídeo 1</p> <p>INSERT [1:00 - 1:37] MVI_0746: Dona Ilda lavando a louça</p>	<p>LOC OFF: [1:20 - 2:29] Americana - Vídeo 1</p> <p>Começa: "ela sempre foi uma pessoa bastante ativa..."</p> <p>Termina: "...ela foi de uma forma bem gradativa perdendo as funções de memória"</p>
[1:42 - 2:31] MVI_0747: Entrevista D. Ilda	<p>Começa: "a minha infância?..."</p> <p>Termina: "... trabalhava na roça o dia todo"</p>
<p>D. Nena [1:29 - 2:02] MVI_0780: Entrevista pais de Débora</p> <p>INSERT [0:04 - 0:27] IMG_1234</p> <p>[2:23 - 2:59] MVI_0780: Entrevista pais de Débora</p>	<p>Começa: "Ela era uma mulher que trabalhava muito por causa dos 5 filhos..."</p> <p>LOC OFF: [1:36 - 2:02] MVI_0780: Entrevista pais de Débora</p> <p>Termina: "... então ela era essa pessoa"</p> <p>Começa: "Lá com os seus 70 anos..."</p> <p>Termina: "... só que a gente não conseguiu perceber isso"</p>
[0:03 - 0:33] MVI_1247: Entrevista dona Nena	<p>Começa: "cuidava de casa, lava roupa..."</p> <p>Termina: "... hoje eu quero achar tudo feito"</p>
CORTE (O QUE É ALZHEIMER)	
[8:56 - 9:09] zoom_0: Entrevista Cláudia	<p>Começa: "O Alzheimer é uma doença neurodegenerativa..."</p> <p>Termina: "... e por isso ela perde a função cognitiva."</p>
[11:09 - 12:16] zoom_0: Entrevista Cláudia	Começa: "Então eu vou dar um passinho atrás, o que são funções

	<p>cognitivas..."</p> <p>Termina: "... em fases mais avançadas os pacientes se perdem dentro de casa."</p>
[5:35 - 5:54] zoom_0: Entrevista Simone	<p>Começa: "Quando a gente fala da evolução da doença de Alzheimer..."</p> <p>Termina: "... de uma forma muito sorrateira."</p>
CORTE (DIAGNÓSTICO)	
<p>D. Angela [5:18 - 5:36] Ipaussu Vídeo 1: Entrevista Maria Sciarini</p> <p>[00:01 - 1:30] Ipaussu Vídeo 2: : Entrevista Maria Sciarini</p>	<p>Começa: " Foi a minha filha que falou que a gente vinha visitar ela uma vez por semana e minha filha que falou..."</p> <p>Termina: "...Não, magina, eu também esqueço."</p> <p>Começa: "Daí um dia minha irmã passou mal e eu levei minha mãe pra casa, por decorrência da minha irmã não estar bem naqueles dias..."</p> <p>Termina: "...Foi aonde ele solicitou uma eletro da cabeça e estamos aguardando pra ver o procedimento"</p>
<p>D. Ilda [0:37 - 1:20] Americana - Vídeo 1</p>	<p>Começa: "A gente não acompanhou exatamente o dia a dia, o que observou é que ela veio de uma forma gradativa perdendo a habilidade, interesse pelas coisas..."</p> <p>Termina: "...meu pai cobria aquela parte que ela foi deixando de fazer"</p>
<p>D.Nena [9:07 - 10:15] Americana - Vídeo 2</p>	<p>Começa: "Quando eles começam a falar mesmo que tá esquecendo e a gente vai buscar informações..."</p> <p>Termina: "...então foi assim que a gente foi lidando também com a situação da</p>

	minha mãe ”
CORTE (PRINCIPAIS CAUSAS)	
[16:23 - 16:26] zoom_0: Entrevista Cláudia INSERT [0:21 - 0:32] MVI_0825	LOC OFF: [16:23 - 16:50] zoom_0: Entrevista Cláudia Começa: “Bom, o principal fator de risco é a idade..” Termina: “... e mais que 40% aos 90 anos”
[17:04 - 17:20] zoom_0: Entrevista Cláudia INSERT [0:07 - 0:28] MVI_0768	LOC OFF [17:04 - 17:30] zoom_0: Entrevista Cláudia Começa: “outra coisa que é fator de risco, tem genética...” Termina: “...isso é válido para demência, mas é válido para qualquer outra doença também”
[17:55 - 19:07] zoom_0: Entrevista Cláudia	Começa: “na meia idade controle de fator de risco cardiovascular...” Termina: “... incluindo diminuindo a chance de ter demência”
CORTE (RELAÇÃO COM A FAMÍLIA)	
[5:50 - 6:25] Americana - Video 1: Fala do Carlos	Começa: “A questão de cuidar de um idoso é sempre uma demanda que fica pra quem está...” Termina: “... o grau de preocupação é 24 horas”.
[1:33 - 1:49] MVI_0763	Começa: “Ó mãe vamos tomar o remédio”. Termina: (D. Ilda pega o remédio).
[2:04 - 2:18] MVI_0763	Começa: “ a gente acompanha, porque normalmente...” Termina: “..e às vezes o remédio fica.”

<p>[2:43 - 3:05] MVI_0763</p> <p>[3:49 - 4:18] MVI_0763</p>	<p>Começa: (dona Ilda bebendo água)</p> <p>Termina: "... isso é só uma parte"</p> <p>Começa: (mostrando os remédios)</p> <p>Termina: "...a partir do momento que apresentar um risco, a gente assume isso."</p>
<p>[10:19 - 10:43] Entrevista da Simone</p>	<p>Começa: "Eu costumo dizer que a doença de Alzheimer não é uma doença só de um indivíduo..."</p> <p>Termina: "... alguém acaba sendo escolhido automaticamente para esse cuidado."</p>
<p>[3:27 - 3:40] Americana - Vídeo 5</p> <p>[4:19 - 4:45] Americana - Vídeo 5</p>	<p>Começa: "Muda o relacionamento, porque você deixa de ser filho..."</p> <p>Termina: "...pra ser mãe da mãe e mãe do pai"</p> <p>Começa: "Muda o relacionamento, você não pode mais contar..."</p> <p>Termina: "... o amor nos transforma"</p>
<p>[00:40 - 1:06] Ipaussu - Vídeo 12</p>	<p>Começa: "O que mudou na minha rotina é que eu era uma pessoa segura..."</p> <p>Termina: "... eu venho todos os dias."</p>
<p>[00:05 - 2:47] Ipaussu - Vídeo 3</p> <p>[2:56 - 4:18] Ipaussu - Vídeo 3</p>	<p>Começa: "explicar para Nath como é que..."</p> <p>Termina: "mas parando para pensar é assustador."</p> <p>Começa: "a gente vê ela tão alegre..."</p> <p>Termina: "... então tá bom."</p>

CORTE (HISTÓRIAS DO PACIENTE)	
[2:52 - 3:13] Entrevista Simone	<p>Começa: "A gente não tem tratamento contra a doença ainda..."</p> <p>Termina: "... frear o avanço da doença."</p>
[0:42 - 1:08] Ipaussu - Vídeo 1: Entrevista Dona Angela	<p>Começa: "Daí a moça chegou..."</p> <p>Termina "... ficar brava se tirar o colarzinho"</p>
[00:01 - 00:30] Ipaussu - Vídeo 12	<p>Começa: "O colar dela na realidade foi a esposa de um sobrinho dela.."</p> <p>Termina: (Angela orando ao fundo)</p>
[12:30 - 13:12] Entrevista Simone	<p>Começa: "Quando a gente fala nessas alterações de comportamento..."</p> <p>Termina: "... a gente precisa saber ter um olhar de fora, acolher, não ridicularizar, nem infantilizar, tão pouco julgar a situação"</p>
[0:33 - 0:50] MVI_0783: Entrevista Dona Nena	<p>Começa: "E como que anda a memória da senhora..."</p> <p>Termina: "... lembro."</p>
[1:02 - 1:44] MVI_0783: Entrevista Dona Nena	<p>Começa: "A senhora toma algum remédio?"</p> <p>Termina: "... glória a Deus."</p>
[0:22 - 0:51] MVI_0794: Americana	<p>Começa: "Quando alguém pergunta da memória dela..."</p> <p>Termina: "... mas aí ela deu esse miguezão"</p>
[36:43 - 37:08] Entrevista com a Claudia INSERT [00:02 - 00:23] MVI_0843 INSERT [2:01 - 2:27] MVI_0843	<p>Começa: "acho que existe a oportunidade de interação social, de participação social..."</p> <p>Termina: "...depende muito da fase que ele tá"</p>

[37:56 - 38:25] Entrevista com a Claudia	Começa: "não é uma coisa antes do Alzheimer..." Termina: "... depende muito de como a família encara a doença"
[17:47 - 17:57] Vídeo 1 - Entrevista Simone	Começa: "A gente precisa aprender mais sobre a doença..." Termina: "... vai fazer toda a diferença no processo de cuidar."
MVI_ 0832 (vídeo completo): Maria Sciarini caminhando na rua.	[5:25 - 5:42] Vídeo 2 - Entrevista Simone Começa: "Eu acredito que a gente ainda esteja na caminhada..." Termina: "... é uma caminhada longa e nós ainda estamos nela."